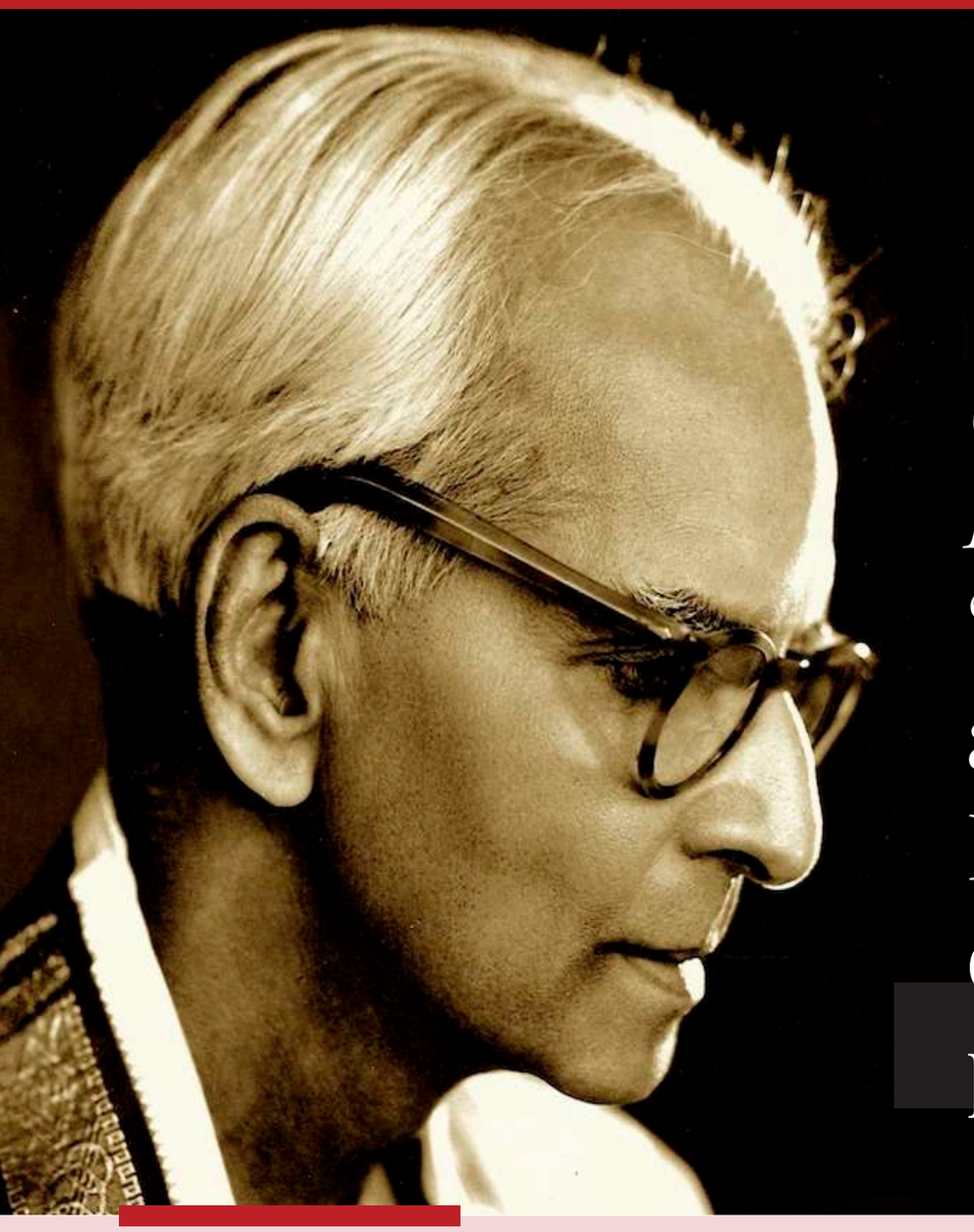
NÚMERO 7 | ABRIL 2021

revistapandava.pt

pandava

a sabedoria da índia



Um Acesso à Realidade. "Reencontrar a nossa Identidade em uma pausa"

Reencarnação e Concepções Budistas (III). Buddhismo e Budhismo qual é a diferença?
Comentário ao Capítulo V do Dhammapada. Bālavagga: O Louco
Madame Blavatsky sobre Filosofia Vishishtadvaita
Lista de Siddhis, ou Poderes Mágicos

REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

CONTEÚDOS

3 **A Doutrina Hindu do Atman**
Por C. Jinarajadasa

9 **Comentário ao capítulo IV do Dhammapada**
Pupphavagga: As Flores
Por José Antunes

14 **A polinização e a Transmissão da Sabedoria**
Por Luisina Battistón e Franco Soffietti

17 **Um Acesso à Realidade**
"Reencontrar a nossa Identidade em uma pausa"
Por María Abril Fernández-Fígares

27 **Madame Blavatsky sobre Filosofia Vishishtadvaita**

33 **Comentário ao capítulo V do Dhammapada**
Bālavagga: O Louco
Por José Carlos Fernández
Escritor e diretor de Nova Acrópole Portugal

36 **Gandhi: a Força Ética da Ação não Passiva**
Por Francisco Sánchez

40 **Joias Upanishads (II)**
O Chandogya Upanishad
Por Francisco Sánchez

44 **Comentário ao capítulo VI do Dhammapada**
Panditavagga, O Sábio
Por Hélio de Orvalho

49 **Lista de Siddhis, ou Poderes Mágicos**

51 **Reencarnação e Concepções Budistas (III)**
Buddhismo e Budhismo qual é a diferença?
Por Juan Martín Carpio

Propriedade e direitos:

Revista organizada por voluntários da
Organização Internacional Nova Acrópole - Portugal

Diretor: **José Carlos Fernández**
Diretor Adjunto: **Ricardo Louro Martins**
Editor: **Henrique Roque**

Web: www.revistapandava.pt
Email: geral@revistapandava.pt

pandava
a sabedoria da índia
REVISTA DA NOVA ACRÓPOLE

Pixabay

A Doutrina Hindu do Atman

Por C. Jinarajadasa

Possa algum de vós ter a oportunidade de ir alguma vez à Índia e, especialmente, a oportunidade de ter um contacto íntimo com as suas gentes, e descobrirá que a Índia é o lugar dos lugares, porque lá Deus parece estar mais próximo. É uma terra repleta de paz, onde de cada partícula de pó parece emanar uma atmosfera espiritual. Vocês irão ver, em comparação com a vossa própria terra, a sua paz e serenidade, a gentileza das gentes e a sua cortesia, bem como a perspectiva geral que têm da vida, que é a de se considerar esta vida apenas como a antecâmara da vida verdadeira.

No entanto, a Índia, que é actualmente tão diferente para vós, já foi muitíssimo semelhante à vossa própria civilização. Há mais de dez mil anos, os Hindus eram tão brancos quanto vós. Na verdade, em termos de raça, eles são vossos irmãos de sangue, pois são Ários. Também eles vieram daquele lar da Ásia Central, para lá dos Himalaias, de onde os vossos antepassados migraram para ocidente, estabelecendo-se na Europa. Os antigos Hindus tinham, tal como os Gregos, uma intensa vitalidade, diferente, talvez, daquela que possam perceber neles hoje. Eles eram um povo que vivia em grande proximidade de todas as delicadas influências da Natureza e, tal como os Gregos, acreditavam que toda a natureza estava viva, e que ela era uma manifestação dos muitos Deuses dos elementos. Os Hindus viviam então uma vida plena de vigor; eles eram um povo marcial. E, no entanto, tinham uma característica muito impressionante, pois perceberam sempre a vida, não apenas como uma manifestação das forças cegas da natureza, mas sobretudo como uma revelação de inteligências que eram a personificação de Deus.

Os antigos Hindus cruzaram então a cadeia dos Himalaias e desceram até às planícies da Índia. Lá encontraram um povo de pele escura, civilizado, ainda que de temperamento diferente. Não restam muitas dúvidas de que os Hindus, tal como a maioria dos guerreiros brancos desde então, teriam acabado por exterminar todas os povos mais escuros do território se eles não fossem tão numerosos. Assim sendo, estabeleceram-se entre os povos mais escuros, promovendo casamentos mistos com eles até que a tez branca mudou para o castanho actual, embora ainda hoje, no Caxemira, vocês encontrem descendentes dos Ários puros, que são tão ou mais brancos do que vós.

Mulheres indianas. *Pixabay*

Quando, finalmente, os Hindus se estabeleceram na Índia, começaram a desenvolver uma civilização que era em muitos aspectos equivalente à vossa. Eles organizaram-se em classes ou castas. A casta dos instrutores e sacerdotes e a casta dos guerreiros e administradores eram as duas mais elevadas. Depois destas, veio a casta dos agricultores e comerciantes. Todos elas se uniram, estas três castas Árias, para gerar uma raça de escravos a partir dos habitantes originais do território. Como se perpetuaram durante milhares de anos, surgiu entre elas a inveja de classe e os interesses de cada uma colidiam contra os das outras, tal como na civilização ocidental. A religião, que era originalmente um simples culto aos poderes da natureza, transformou-se num cerimonial intrincado. Os Hindus nunca perderam a sua fé na existência de um único Deus, mas os muitos deuses converteram-se frequentemente em meros poderes dominadores, por vezes com uma tendência maléfica, a menos que o Homem os apaziguasse através do sacrifício. Surgiu então um sacerdócio que inventava um ritual após o outro, a fim de preencher a lacuna que existia entre o desamparo humano e a aparente omnipotência dos deuses. A religião tornou-se então numa complicada vivência cerimonial e, rapidamente, todos os homens foram aprisionados nas suas curvas sinuosas até toda a espiritualidade ter sido arrastada aos pés do cerimonialismo. Lentamente, os sacerdotes criaram todo o tipo de superstições, tais como a de terem de realizar determinada coisa em determinado dia, ou que se não se abstivessem de iniciar determinada actividade num determinado momento, o infortúnio vos seguiria. Claro que se podia apaziguar o deus do infortúnio através de alguma prática cerimonial, foi assim que vieram de arrasto os encantamentos, os talismãs, os rosários e toda a parafernália da religião cerimonial.

Mas mais lamentável do que tudo isto foi a forma com que os habitantes negros e originais do território, pelo facto de não possuírem uma natureza tão marcial, foram subjugados pelos Hindus Ários. De facto, a Índia estava a começar, naquela época, a trilhar o caminho civilizatório que a civilização ocidental havia seguido. Os Hindus começaram a aceitar como axioma de vida que os Homens deveriam lutar pela sua existência como fazem os animais, que os homens e as mulheres mais fracos deveriam ser eliminados da vida tal como os animais mais fracos são eliminados pela natureza. Iniciou-se, então, um período em que a religião era professada pelos ricos, com um cerimonialismo excessivo, mas que, ao mesmo tempo, dava plena expressão aos seus desejos mundanos. Surgiu uma insensibilidade para com o sofrimento humano e uma exploração dos fracos, tal como as encontramos hoje na civilização ocidental.

A Índia teria desaparecido totalmente, tal como está a desaparecer a Europa, tal como a Austrália irá desaparecer, a menos que as coisas mudem. A Índia teria desaparecido se não tivesse ocorrido um acontecimento surpreendente. Tratou-se da descoberta de um facto maravilhoso pelos Hindus. Ora, este facto era tão maravilhoso, tão grandioso na sua

capacidade de mudar, não apenas a vida dos indivíduos, mas também a civilização do mundo, que lhe deram o nome de Rahasya, o "Segredo". Este era guardado pelas castas mais elevadas e partilhado apenas entre alguns dos seus membros. Este Segredo só era comunicado a alguns, apenas àqueles que haviam levado uma vida justa e que pudessem provar que haviam cumprido com todos os deveres a que estavam obrigados. Depois de um homem ter cumprido com os seus deveres para com a sua esposa, os seus filhos e os seus pais, depois de ter feito tudo o que lhe era necessário pela causa da religião e da caridade, então, se, quando chegasse à velhice, ainda procurasse conhecer o grande Segredo, apenas aí lhe seria ensinado este mistério. Os Hindus nascidos nas castas mais elevadas cercavam de tal forma esse Segredo que ninguém que não fosse Hindu de nascimento, que não fosse um Ária de linhagem antiga, estava a autorizado a possuí-lo.

Anel de fogo. *Pixabay*

Que Segredo tão misterioso e maravilhoso era este, cuja descoberta transformou toda a civilização Indiana e a impediu de correr colina abaixo para o lamaçal da competição fratricida e que fez da Índia o que ela é hoje? Este segredo era o Atman. A palavra Atman significa, literalmente, o "eu", e se eu dissesse em Sânscrito "Eu próprio o fiz", usaria a palavra Atman. Mas também é usado num outro sentido. É usado para referir algo que é semelhante a Deus, mas diferente da vossa concepção ocidental de Deus. Na vossa concepção ocidental há um elemento de antropomorfismo que está ausente no Atman. Vocês não podem deixar de pensar em Deus com algum tipo de forma, como um Ser sobre-humano e glorioso; vocês pensam-no frequentemente enquanto personalidade individual separada das restantes personalidades do universo. É por causa destas ideias que vocês associam a Deus, que descrever Atman enquanto Deus é expressar parcialmente a verdade que a palavra significa para o hindu.

Mas deixem-me ler-vos alguns passos destes textos antigos para vos mostrar o que é que os sábios Hindus queriam dizer com Atman. É a Vida Una, o Princípio único oculto por toda a multiplicidade dos fenómenos, a Unidade oculta pela diversidade, não alguma coisa vaga e abstracta, mas sim uma consciência, uma força, e ainda uma personalidade, se assim lhe quiserem chamar, mas tão magnífica, tão além de toda a compreensão das nossas mentes limitadas que os sábios preferem não o chamar de Ele nem de Ela, mas simplesmente de AQUILO. Porque eles perceberam que falar desse Princípio como Deus ou como Deusa seria impor-lhe uma limitação que não lhe pertencia. No entanto, uma vez que, ao terem de o descrever, haveriam de usar termos familiares para os seus ouvintes, utilizaram frequentemente, para além do termo AQUILO, a forma: Purusha, "O Homem".

Este grande princípio, este Deus, está em todas as coisas, no coração de todas as coisas, é o poder detrás de todas as coisas. Assim cantaram o Atman nas Upanishads, os sábios Indianos:

> *Este Deus, na verdade, está em todos os cantos; foi há muito, muito tempo, de facto, que ele teve o seu nascimento; ele está, verdadeiramente, dentro do embrião. Ele nasceu, ele nascerá; ele*

está oculto em todos aqueles que nasceram, com a sua face em toda a parte.
Aquele Deus que está no fogo, aquele Deus que está na água, o que permeia todo o universo, o que está nas plantas, o que está nas árvores da floresta – para ele, para Deus, todas as saudações e mais algumas!
Ele tem olhos em todas as partes, em todas as partes tem, seguramente, as suas faces, tem braços, seguramente, em todo o lado, em todo o lado tem os seus pés. Com os seus braços, as suas asas, ele ilude-os, criando o céu e a terra, o Deus único.
As suas faces, cabeças e pescoços são os de todos, ele que se encontra no lugar secreto de toda a alma, ele, o senhor, está espalhado por todo o universo. Então, como aquele que tudo permeia, ele é benigno.
Sem mãos e sem pés ele move-se, ele captura; sem olhos ele vê, e sem ouvidos ele ouve; ele conhece aquilo que pode ser conhecido, ainda que ninguém o possa conhecer a ele; a ele, chamam-no de Primeiro, de Poderoso, de Homem.

Geralmente os sábios observavam a Realidade única, o Atman, e tentavam compreendê-la numa vertente pessoal; por isto, em hinos e salmos, eles referiam-se a ele como "Vós".

De facto, vós vos haveis tornado mulher, e homem, e jovem, e virgem também; na velhice, com uma bengala apoiastes os vossos passos; vós nascestes com a face em toda a parte.

Insecto azul, pássaro verde, e animal de olhos vermelhos, a nuvem que porta o relâmpago no seu ventre, as estações e os mares, vós não tendes início. No poder omnipresente tendes a vossa casa, de onde todos os mundos nascem.

Solitário neste universo ele vai e vem; é ele quem é o fogo, ele penetra na água. Ele, e apenas ele, o único conhecedor, atravessou para lá da morte; não há qualquer outro caminho para percorrer.

Foi assim que estes sábios antigos apresentaram a existência do Uno. Esta maravilhosa Unidade transcendente que está em todas as partes, este Poder consciente e uno faz com que todas as estrelas sigam os seus cursos. O seu poder está no tornado e nas ondas do mar que destroem; ele vem como a morte que põe termo à vida. No entanto, o Atman está repleto de amor e protege os mais jovens dos animais, trazendo ao coração da sua progenitora o amor e a ternura, e o espírito de sacrifício. Este Princípio que é poder, é também amor; este parece ser totalmente implacável, no entanto, está repleto de compaixão. Percebemos este poder universal quando olhamos para os céus; é devido à sua ordem que todas as coisas visíveis e invisíveis trabalham em harmonia para criar o universo.

Cosmos. *Pixabay*

Tendo, desta forma, declarado a existência de uma Realidade única, os sábios Hindus deram ainda um passo adiante. Eles descobriram que toda a omnisciência de Deus, toda a sua omnipotência, todas as coisas maravilhosas que sugerimos pela palavra "Deus" existem dentro de nós e que cada um de nós é Deus. Eles ensinaram a maravilhosa verdade de que o universo que se encontra fora de nós está, na verdade, dentro de nós, que quando sofremos e quando protestamos contra a dor, essa dor é, ela mesma, uma parte do Atman, ou seja, uma parte do nosso Eu. Nada existe que não sejamos nós próprios, os pecados que cometemos e o mal de que fugimos, são, de uma forma misteriosa, uma parte de nós. Todos os grandes Instrutores que nos inspiram não nos são alheios, mas formam parte de nós.

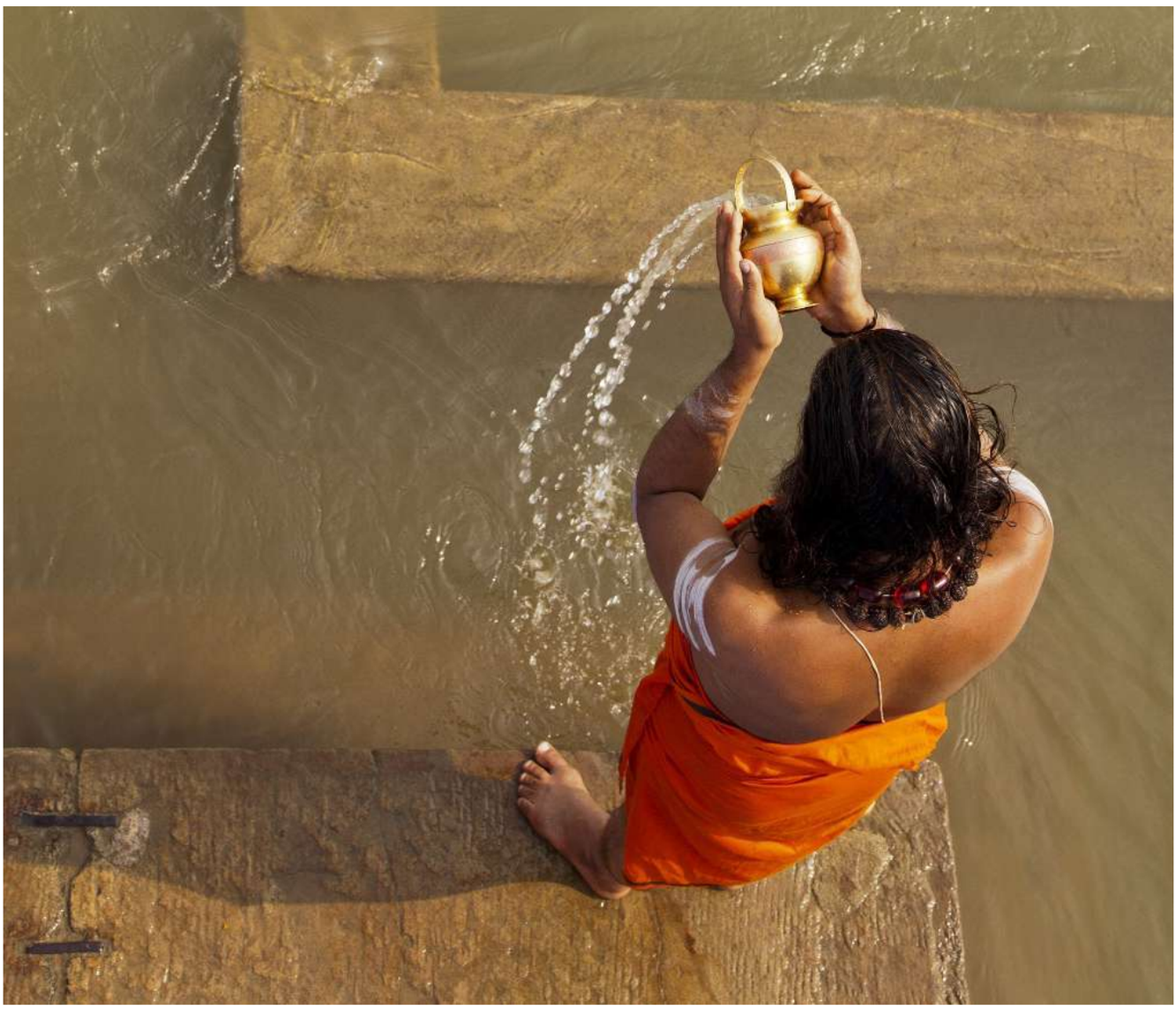
Este maravilhoso ensinamento era o misterioso "Segredo", e os sábios declararam-no em certos Mantras, ou fórmulas sagradas, que só podiam ser pronunciados se sussurrados, de tão sagrados que eram. Através de muitas frases tentou o Hindu fazer com que a sua mente reconhecesse a sua relação com a Unidade. Uma frase é Aham Atma, "Eu sou o Eu". Diariamente, o piedoso hindu de olhos fixos no sol, o melhor símbolo que ele encontrava do Eu do universo, afirmava So'ham, "Eu sou Ele". Eram-lhe dadas, como a melhor chave para todas as coisas, as frases: Tat tvam asi, "Tu és AQUILO"; e Atmanam atmana pashya, "Procura o Eu com o eu".

É possível descobrir este grande Eu do universo apenas porque ele se encontra dentro de vós. "Deves procurá-lo porque tu és ele", era uma ensinamento dado aos poucos. Mas este ensinamento aprendido por uns poucos transformou a civilização Indiana. Pois para os poucos que acreditaram nele, que o aceitaram e que o tentaram pôr em prática não existiam interesses de classe ou de credo. Que significado tinham todas as contendas e disputas dos Brâmanes contra os seus oponentes, os Kshatriyas? Que significado tinha a competição entre os homens nos seus negócios? A vida era uma só, e todas as acções dos homens, boas e más, eram as manifestações da Vida Una. Que importância podiam ter as seis grandes filosofias, quando sabias que existe apenas uma Verdade e que ela estava dentro de ti? Que importância tinham todas as intrincadas cerimónias religiosas, nas quais outros se atarefavam, quando sabias que existia apenas uma Realidade?

Cerimônia. *Pixabay*

Assim, conhecendo este grande Princípio, o sábio Indiano afastou-se da vida, examinando-a com ternura, com caridade para com todos aqueles que estavam imersos na grande ilusão do eu pessoal, recusando para si próprio, no entanto, participar da sua ignorância. Ele compreendeu que os homens viviam no mundo procurando responder aos seus próprios interesses, que uma classe se posicionava contra a outra, que cada homem tentava conquistar certos objectos que outros homens também queriam para si, e que assim o mundo estava repleto de agonia. O sábio afastou-se da vida, pois esta era apenas um teatro de sombras no qual os homens eram actores. Ele afastou-se de qualquer orgulho ou preconceito racial. O que lhe importava se um homem era branco como o Brahman ou escuro como os habitantes originais do território? O que importava se um homem vinha da China ou de África? Em todos os homens habitava o mesmíssimo grande mistério. Branco e castanho, negro e amarelo, todos estes viviam dentro de si, e quando um homem aparecia com uma aparência diferente, por que motivo haveria o sábio de assumir uma atitude superior, uma vez que a grande vida do Atman habitava igualmente dentro dos dois?

Esse foi o grande ensinamento que modificou a Índia, pois na Índia, nos tempos antigos, existiam homens sábios que, aonde quer que fossem, não participavam em disputas religiosas, não se interessavam por quaisquer disputas entre esta e a aquela classe. Mas pregavam sempre a existência de apenas uma Realidade, o grande Eu, o Atman, e que todas as Ideias que enfatizavam a diferença constituíam uma ilusão. Se vocês pensam que são diferentes de outro homem ou de outra mulher, isso é uma ilusão. Se pensam que são ricos e que têm muitas posses, e que aquele é pobre, e que vocês têm maiores capacidades do que ele, isso é, uma vez mais, uma ilusão. Pois a única verdade é que existe apenas o Atman, o Eu. Não há nada fora dessa Divindade, e os sábios chegaram mesmo a dizer que Divindade está, inclusivamente, no jogo da batota, pois a batota também é uma expressão da Vida Divina. Todas as actividades humanas, boas ou más, são expressões na manifestação do Princípio Uno, o Atman.



Homem indiano. *Pixabay*

Isto não significa, de forma alguma, que os homens possam praticar o mal e que não devam procurar o bem. Pois, enquanto universo manifestado, o Atman revelou-se de forma gradual à mente do homem. Na medida em que os homens se voltem para o bem, libertam-se dos obstáculos da ilusão e livram-se daquelas más acções que os prendem à roda do nascimento e da morte. No entanto, mesmo esta acção deve ser impessoal. Se praticarem o mal, deverão nascer novamente na terra para que possam sofrer a dor que é o resultado desse mal. Mas sempre que praticarem o bem, procurando algo para vós próprios, incluindo o próprio céu, então vós, a parte individual que pratica o bem, deverão renascer para colher o que semearam. Mas para além do bem e do mal está a Realidade. E os homens que se libertam dos seus anseios pessoais e que já não procuram coisas para a sua satisfação pessoal, praticam o bem sem desejarem qualquer recompensa, porque é correcto praticar o bem. O sábio abstém-se do mal, não porque colheria dor, mas simplesmente porque o mal é impossível para o homem que conhece o Segredo.

Extraído do livro:
The Hindu Doctrine of the Atman, C. Jinarajadasa

Universo floral. *Pixabay*

Comentário ao capítulo IV do Dhammapada

Pupphavagga: As Flores

Por José Antunes

O Dhammapada será certamente o texto mais divulgado do Cánon Pali, o Livro sagrado do Budismo Theravada também conhecido por Tripitaka, e está incluído no Sutta Pitaka que é o conjunto de textos que versam sobre Ética, os ensinamentos que permitem percorrer o Caminho, aquelas indicações que os peregrinos vão encontrando na sua marcha. O próprio nome dhammapada significa caminho da Lei e todo o seu conteúdo visa orientar o discípulo na sua ascensão interior. Para esse fim usa uma linguagem que recorre proficuamente à comparação, recurso linguístico que nos leva tranquilamente do mundo nosso conhecido para as realidades desconhecidas, para aquilo que havemos de conquistar.

O quarto capítulo, pupphavagga ou capítulo das flores, usa imagens de flores e seu universo associado para nos dar esses ensinamentos excelsos que nos podem transformar em seres

humanos melhores. Na natureza, ou pelo menos no reino vegetal, que mais belo pode existir senão a flor que alia o encanto do olhar com o mistério do perfume? No reino humano, que mais elevado pode existir senão o sábio que une conhecimento com auto-domínio e acções perfeitas? Assim, deuses e santos, Buda e bodhisattvas são continuamente representados no Oriente sentados sobre lótus plenamente desabrochados. Eles já se realizaram, atingiram o Ser, a Felicidade.

Deixemo-nos levar então pelo capítulo das flores procurando perceber o longo caminho a percorrer pela humanidade.

Abarcando do versículo 44 ao 59, toca vários temas que não são exclusivos deste capítulo aparecendo também estas mesmas ideias espalhadas pelo Dhammapada. Há muitas formas de irmos caminhando...

Juntamos os dois primeiros versículos atendendo a que jogam entre si a mesma ideia, com pergunta e resposta, um pouco à maneira do capítulo dos pares (*yamaka*).

44. *Quem superará esta terra, e o reino de* Yama[1], *e o mundo dos* devas[2]*? Quem recolherá as bem proclamadas palavras da Lei*[3] *como ágil jardineiro recolhendo adequadas flores?*

Pétalas de rosa. Pixabay

1 Morte
2 Deuses menores
3 Dhammapada

45. *O discípulo superará a terra, e o reino de Yama, e o mundo dos deuses. O discípulo recolherá as bem proclamadas palavras da Lei como ágil jardineiro recolhendo adequadas flores.*

A doutrina budista trabalha com dois factores básicos: por um lado a ilusão da existência com sua transitoriedade e, por outro, a capacidade da consciência humana ultrapassar essa ilusão. Assim, dupla possibilidade têm os seres humanos: existência com suas atribulações, característica de tudo o que nasce vive e morre, e essência com sua beatitude passível de ser alcançada através da evolução da consciência. A existência está constituída pelo plano terreno (as circunstâncias kármicas que afectam e são o cenário da vida de cada humano); pelo desconhecido mundo dos mortos (plano além da percepção dos sentidos de onde se retorna após relativo descanso para nova existência); e pelos planos subtis que constroem o próprio mundo. Para superar estes três planos constituintes da manifestação e elevar a consciência a um estado espiritual imperturbável há que não só escutar, mas também recolher. Escutar é o primeiro passo. É dar ouvidos em sentido lato, às palavras do mestre, aos sons que nos rodeiam, às palavras escritas, e a toda a natureza que nos fala se a conseguirmos compreender pois de tudo se aprende. Mas é insuficiente apenas dar ouvidos, há que recolher, assimilar, tornar nosso. Assim há que escutar as palavras da Boa Lei que foram espalhadas pelo Buda e saber recolhê-las como bom jardineiro pois, muitos são os que as escutam, mas só o atento discípulo sabe escolher as flores para as usar no seu caminho. Assim, não basta ouvir, é necessário caminhar.

46. *Quem reconhece o corpo como espuma evanescente e vê o mundo como miragem, quebrará a florida flecha de Mara*[4] *e escapará à visão do rei dos mortos.*

Quando se encara o mundo sensível e o próprio corpo como realidade transitória e efémera; quando a consciência se eleva a um ponto de observador

4 Atração pelo mundo sensível que destrói a alma.

silencioso e desde essa torre de vigia contempla a contínua mudança de formas existenciais, então e só então a consciência já não é afectada pela "florida flecha de Mara". Melhor, até consegue destruí-la, ou seja, não mais peca ou tropeça no caminho (o *peccare* latino significa dar um passo em falso, tropeçar). E essa atração pelo sensível, que é o impulso do desejo no seu ímpeto de deliciosa satisfação momentânea, deixa de existir.

47. A morte leva quem recolhe flores com mente distraída, tal como uma grande inundação arrasta uma aldeia adormecida.

48. A morte subjuga quem recolhe flores com mente distraída e nunca alcança satisfação.

Cerimônia. Pixabay

Morte é não-consciência, é adormecimento da Realidade. A mente distrai-se pela falta de foco na finalidade, entretendo-se na agradável multiplicidade. A imagem de um campo florido que nos ocupa com seus encantos é elucidativa para essa distração causadora da morte da consciência, morte branda e desapercebida tal como os aldeões são arrastados pelas águas durante o sono.

Da mesma forma, continuar no deleite nunca totalmente satisfeito de recolher flores com mente distraída e apenas apreciar o mundo sensível sem mais finalidade, leva à não realização de uma consciência superior.

49. Tal como a abelha recolhe néctar sem ferir a flor, ou sua cor ou perfume, assim deve o sábio fazer ao cruzar uma aldeia.

Esta comparação do bhikkhu[5] à abelha é um ensinamento moral dirigido especificamente à comunidade dos monges, *sangha*. O modo de vida dos discípulos do Buda consistia em espalhar a palavra do Mestre pelo mundo, sem se preocuparem com os meios de subsistência. Durante as suas deambulações, o alimento era proporcionado pela caridade de quem escutava. Tal como a abelha ao retirar o pólen não fere a flor e até proporciona fertilidade, assim deverá proceder o monge não prejudicando outros com as suas necessidades e proporcionando bens espirituais.

Também podemos relacionar com um dos preceitos do Nobre Óctuplo Caminho: meio de existência justo. Em linguagem actual poderíamos perguntar: qual é a pegada ecológica provocada pela minha vida? Tudo quanto existe provoca desgaste no entorno e a natureza é um rotativo palco de múltiplos protagonistas procurando manterem-se no cenário num processo de sobrevivência do mais apto. Os humanos não escapam a esta realidade pois há que existir mas, precisamente como humanos, há uma "humanidade" a realizar em cada um de nós onde os valores da justiça, equanimidade, solidariedade, fraternidade, respeito por toda a vida senciente, etc., estão por cima da básica subsistência animal. Não podemos estar no caminho da sabedoria se a nossa existência for causa de sofrimentos alheios.

50. Nem falhas alheias, nem o que outros fizeram ou deixaram de fazer deve ocupar a mente, mas sim, o que nós próprios fizemos ou deixámos de fazer.

Talvez este ensinamento seja tão antigo como a consciência da humanidade e perpassa todas as épocas e culturas. Talvez a raiz deste defeito seja a inconsciente busca de encontrar o erro fora de nós. Fenómeno psíquico de sobrevivência da auto-estima? De facto, e com todas as melhores

5 Monge, masculino; bhikkhuni, feminino.

intenções, quando nos sentimos capacitados e que em nós há algo de Verdade, temos tendência para empenharmo-nos mais a mudar o mundo do que a nós mesmos. O que há de mais difícil no mundo, já afirmava Tales de Mileto, é conhecer-se a si mesmo. E só podemos melhorar o mundo começando por nós, por aquilo que depende nós.

51. *Como encantadora flor, cheia de cor mas sem perfume, assim são as eloquentes mas estéreis palavras de quem não as vive.*

52. *Mas, como encantadora flor cheia de cor e de perfume, são as frutíferas palavras de quem as vive.*

Os versículos 51 e 52 são uma bela comparação entre flores e a eloquência. Quantas vezes não vimos ou sentimos ou até mesmo proferimos palavras ocas? Sim, na nossa época podemos afirmar que palavras vãs são como flores de plástico, atraentes ao olhar mas totalmente estéreis em planos mais sensíveis. Não nos importemos aqui com a demagogia pois os seus processos são fundados conscientemente nesta atitude. Mas quando escutamos alguém e notamos precisamente essa incoerência entre palavras e actos, sentimos o ridículo da situação, ou tristeza pela inconsciência de quem fala... E talvez isto também nos possa acontecer a nós próprios (certamente acontece já que pensamento, palavras e actos seguem uma sequência natural, partindo do mais veloz e subtil para o mais lento e pesado).

Podemos ter fertilidade nas palavras apenas quando são uma ponte entre o pensamento e a acção. São linguagem, logos, intermediário entre princípios e fins, entre interior e exterior, entre subjectivo e objectivo. Ao fio de ouro que liga mente, coração e actos poderemos chamar Honra. Palavra d' honra!

Caminho. *Pixabay*

53. *Tal como muitas grinaldas são feitas a partir de um amontoado de flores, assim também muitas boas acções podem ser alcançadas ao longo da vida.*

Esta é uma imagem muito linda! Procurar fazer da vida grinaldas de flores... Todos temos amontoados de flores, montes e montanhas de acções desenroladas através do percurso de vida. Se para adquirir consciência fosse suficiente agir, certamente a humanidade estaria mais evoluída. A Acção Recta é o grande desafio da Vida. Proclamado desde tempos imemoriais, não perde actualidade e vigor nos nossos tempos. Actos correctos para sobrevivermos e nos mantermos equilibrados na existência são, podemos afirmar, os "serviços mínimos" para estar no mundo. Realizar a humanidade que há em nós, ou seja, o potencial de ser humano que cada um tem, implica muito mais e começa pelo combate aos nossos egoísmos, colaborando com o nosso entorno, até à captação da Acção por Dever, que nada mais é senão aquilo que devemos ao mundo.

Se então procurarmos agir ou fazer as coisas bem e pelo bem, em harmonia com a natureza e colaborando com ela, teremos grinaldas de flores mais do simples amontoados de flores dispersas.

Lótus. *Pixabay*

54. *O perfume das flores não se espalha contra o vento, nem mesmo o de sândalo ou jasmim; mas a fragância da virtude até contra o vento se expande. O homem virtuoso atravessa todas as direcções.*

55. *Sândalo ou* tagara, *flor de lótus ou* vassiki: *entre estes tipos de perfumes, o da virtude é inultrapassável.*

56. *Débil é o perfume do sândalo ou da* tagara, *enquanto o perfume do virtuoso se eleva até ao mundo dos* devas.

Os versículos 54 a 56 fazem a comparação entre a essência da flor e a essência do ser humano. À subtileza do perfume das flores corresponde a virtude nos humanos. Mas esta é muito superior pois trata-se da verdadeira espiritualidade vivida por nós: a capacidade de auto-domínio que permite uma plena integração com os outros e com a natureza em harmoniosa convivência. Este "perfume" não é afectado por circunstâncias físicas ou temporais. Sendo exalado do mais fundo do coração humano, entra em sintonia ou vibração com o coração do universo. No entanto, temos de aceitar que poucos são os que elevam esse perfume imperturbável até ao reino dos devas. A maioria de nós, se vai procurando alguma prática das virtudes, vai também encontrando os obstáculos da vida com suas dificuldades e injustiças. Estas provações são o atanor para que o perfume possa ir exalando. E pouco a pouco, cada mais insensível aos ventos que nos arrastam, podermos elevar esse perfume aos céus.

57. Mara *não se encontra no caminho de quem possui virtudes, de quem vive sem negligência, de quem se liberta pela sabedoria.*

Mara é a atracção pelo mundo sensível, com suas delícias e prazeres levando ao apego. Portanto, o discípulo do Iluminado possuindo virtudes não a cruzará no seu caminho. As virtudes são as armas mágicas dos poderes interiores que aliadas a uma atenção ou vigilância constante levam à conquista da sabedoria. Desde os primeiros passos que virtude e vigilância caminham a par, mas também alguma gota de sabedoria já existe nesse momento de iniciar o caminho. Longa e estreita é a grande Senda e, individualmente, todas começam com a decisão de dar o primeiro passo. Aquele que tem uma antevisão da meta não se deixa desviar pelas veredas de Mara. Perdido está aquele que inicia uma caminhada e não sabe aonde se dirige.

58-59. *Tal como num monte de estrume à beira da estrada cresce o perfumado e encantador lótus, assim o discípulo do iluminado Buda brilha pelo seu conhecimento entre aqueles que se desperdiçam, entre aqueles que caminham na escuridão.*

E assim termina a estância das Flores do Dhammapada. O ser humano tem duas opções ao passar pela vida: dirigir a sua capacidade mental para baixo, apenas para a terra, andando em busca de uma sobrevivência material ou dos prazeres nunca satisfeitos; ou então dirigir esta capacidade especificamente humana para o céu, começando a contemplar as estrelas, fazendo brotar uma natural necessidade de crescimento interior. Só assim há individualização, desenvolvimento de uma consciência superior onde o processo de massificação já não entra. Só assim deixamos de estar entre aqueles que se desperdiçam e podemos inevitavelmente dar um pouco de luz com palavras e actos justos. Assim, cada um vai desenvolvendo o seu perfume especial...

Flores. *Pixabay*

O Bodhisattva no céu de Tushita antes do seu nascimento, Borobudur. *Creative Commons*

A polinização e a Transmissão da Sabedoria

Por Luisina Battistón e Franco Soffietti

Publicado en RevistAcrópolis. Revista digital de filosofia, cultura e voluntariado em Córdoba (Argentina) em 30 de enero de 2021.

Como uma abelha que não danifica a flor,
nem a sua cor, nem a sua fragância…
retira o seu néctar e segue;
assim deveria o sábio
atravessar por uma aldeia

Dhammapada, verso 49

A polinização e a resistência da vida

Polinização. *Pixabay*

Em inúmeras culturas clássicas a Natureza foi considerada como um grande ser vivo que se desenvolve relacionando e equilibrando cada uma das suas partes. Ao analisar os elementos que constituem o nosso ambiente é possível observar que cada um tem um lugar e um papel específico do qual depende a vida na Terra.

Os elementos naturais: átomos, minerais, vegetais, animais, humanos e todos os seres vivos relacionam-se entre si, completando-se e evoluindo com o passar do tempo.

Tal como o ser humano pode ver nas sociedades, os sistemas da natureza têm a capacidade de responder aos estímulos provocados pelos ambientes onde estão inseridos, relacionando-se uns com os outros e transformando-se para sobreviver como indivíduos e como espécie.

Um dos processos em que podemos ver distintas espécies a trabalhar em harmonia e evoluindo em

conjunto é a **polinização**. Mediante esta tarefa, o pólen gerado nos órgãos reprodutores masculinos de uma flor (estames) é transportado até ao órgão feminino receptor de outra flor (estigma) possibilitando a produção de frutos e sementes. Para a sobrevivência destas plantas é essencial a colaboração dos agentes polinizadores, que facilitam todo o processo como a água e o vento e alguns animais como as borboletas, beija-flor, morcegos, abelhas e outros insetos.

Abelha. *Pixabay*

Na constante transformação deste plano de realidade é possível observar como algumas espécies vegetais se adaptaram, tornando as suas flores mais atrativas e acessíveis aos agentes polinizadores. Sendo que estes últimos também modificaram o seu corpo e comportamento para sobreviver às mudanças e adaptações do seu ambiente. Por exemplo, os beija-flor alteraram os seus bicos e as borboletas as aberturas bocais (espiritrompas) para melhor alcançar os tubos florais e retirar o néctar das profundidades da flor.

Borboleta. *Pixabay*

De acordo com a biologia atual, no desabrochar das flores as plantas deveriam desenvolver, por um lado, estratégias de camuflagem para passarem despercebidas aos herbívoros e, por outro, chamar à atenção dos seus aliados, os polinizadores. Com o tempo, cada flor começou a desenvolver as suas próprias cores, cheiros, formas e tamanhos, resultando numa imensa e fascinante diversidade que podemos admirar.

Durante este dito processo evolutivo, as flores começaram a produzir o néctar, uma substância atraente pelo seu cheiro e sabor, que entregava como "recompensa" pelo serviço da polinização. Assim, quando estes animais visitavam as flores na procura do néctar que os alimentaria, levariam consigo o pólen carregado nos seus pelos e penas. Ao visitar a seguinte flor, estariam a fecundar outros óvulos e a possibilitar a continuidade do processo natural da vida, o desenvolvimento de frutos, a germinação das sementes e o nascimento de uma nova planta.

Simbolismo das borboletas, dos beija-flor e das flores

Para as culturas clássicas, cuja conceção da vida estava estritamente ligada à natureza, cada ser que observavam poderia transmitir um ensinamento ou uma reflexão. Mediante esta ideia, cada elemento poderia ser reconhecido como um símbolo. Para estas culturas, as flores estariam relacionadas com a finalização de uma obra, com uma conquista profunda, com a pureza e em última estância com a perfeição. Por exemplo: a rosa no ocidente ou a flor de lótus no oriente, como relata a mitologia hindu: do umbigo de Vishnú desabrocha um lótus cuja corola aberta contém um Brahma.

As obras das grandes personagens da História, simbolizadas como flores que sintetizavam os seus ensinamentos, permitiram que a sabedoria se mantivesse viva através das gerações. Tal como os *polinizadores*, os filósofos, que buscam o néctar dessas flores como alimento da sua alma, são os responsáveis por colaborar nessa transmissão.

Beija-flor. *Pixabay*

Curiosamente, numerosas culturas identificaram nas borboletas e nos beija-flor o processo evolutivo da alma humana pois as suas formas de voar unificando diferentes planos, observavam a beleza e a subtileza que atribuíam à alma. Maias, Incas, Birmanos e alguns povos americanos, entre outros, entendiam que o nosso corpo físico - de natureza terrestre – era animado pelo espírito – de natureza celeste – que transcende o tempo. A alma constituía um terceiro elemento capaz de unificar a matéria com o espírito, ou seja, estabelecer uma ponte entre a Terra e o Céu.

Pensando biologicamente nas particularidades de cada uma dessas espécies, os beija-flor, pelas suas características anatómicas, são as únicas aves capazes de voar em sete direções no espaço. É neste voo que ele revela toda a sua beleza e liberdade semelhante à alma que se liberta da superfície até às alturas. Por sua vez, de acordo com a civilização Inca, as borboletas ao vibrarem as suas asas com as cores chamativas, convidam a consciência a retomar o seu caminho de volta ao Sol.

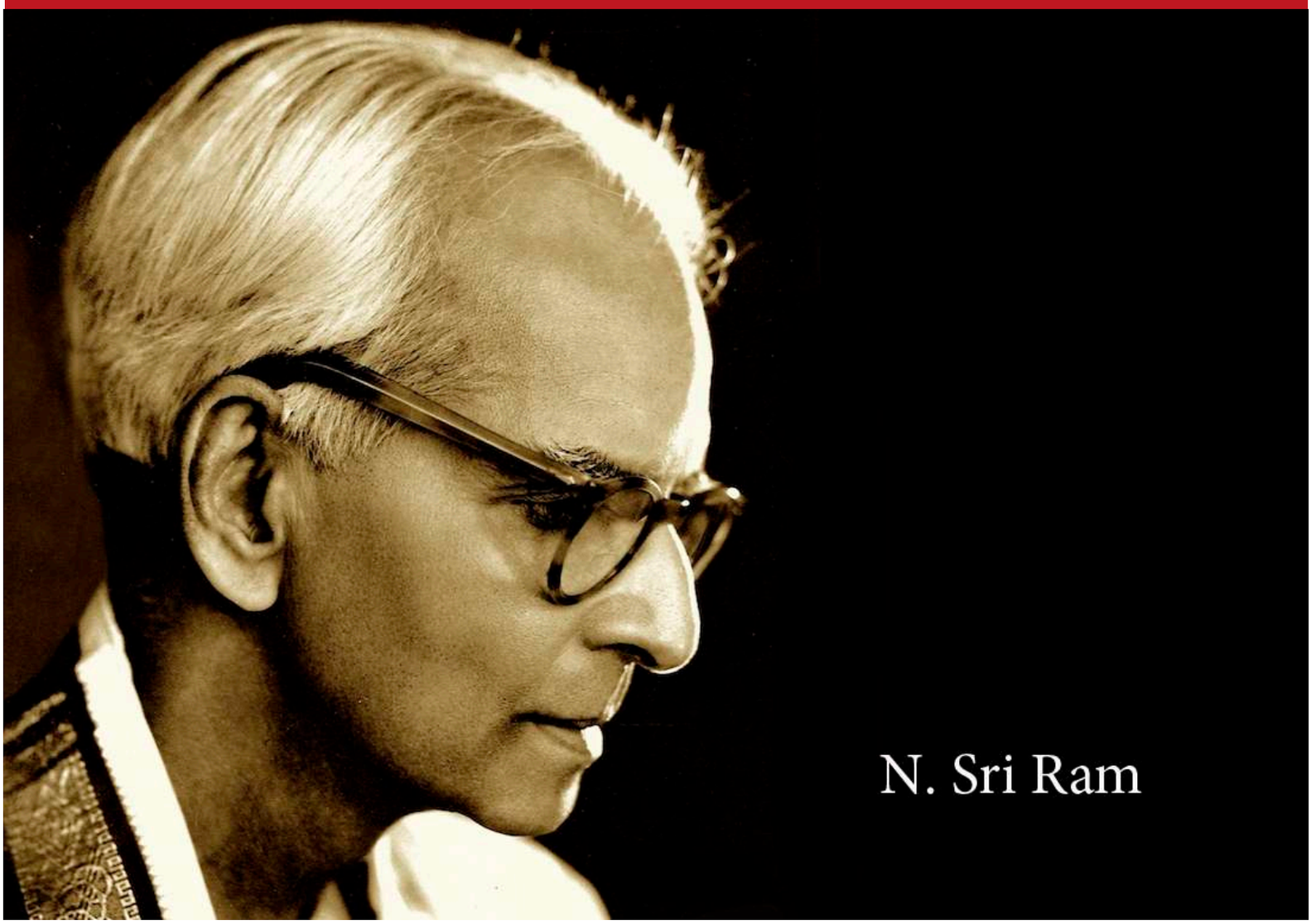
Em síntese, os beija-flor e as borboletas, enquanto se alimentam das flores colaboram com a sobrevivência das plantas. Do mesmo modo que as almas filosóficas, que procuram, nas tradições clássicas, o néctar da sabedoria, permitem que este se mantenha vivo atravessando o rio do tempo.

Metamorfose das borboletas. *Pixabay*

Contudo este processo não é simples nem instantâneo. Na primeira etapa da vida as borboletas são lagartas, que se arrastam sobre a superfície alimentam-se da folha das plantas. Na etapa seguinte a lagarta envolve-se num casulo. Neste momento, de profunda metamorfose interior e exterior, a lagarta refugia-se no seu casulo e ao cumprir o tempo necessário à transmutação começa lentamente a sair, enquanto o seu novo corpo adquire a fortaleza necessária para o seu novo labor. No final do processo a borboleta está pronta para expandir as suas asas o lançar-se no voo, deixando para trás a sua etapa terrena, vinculando-se com o céu. É deveras interessante observar que a estiritrompa da borboleta nos recorde as coroas do Baixo Egito e do Egito Unificado.

Coroas do Baixo Egito e do Egito Unificado

O processo de polinização e transmissão da sabedoria parecem ser analogias diretas. Alimentar-se e transmitir, desenvolver-se e servir os outros parecem ser mecanismos dos seres vivos para evoluir; fazer com que a vida continue e a roda do destino siga o seu movimento infinito.



N. Sri Ram. Rama Arjuna (Barcelona) Sociedad Teosófica Española

Um Acesso à Realidade

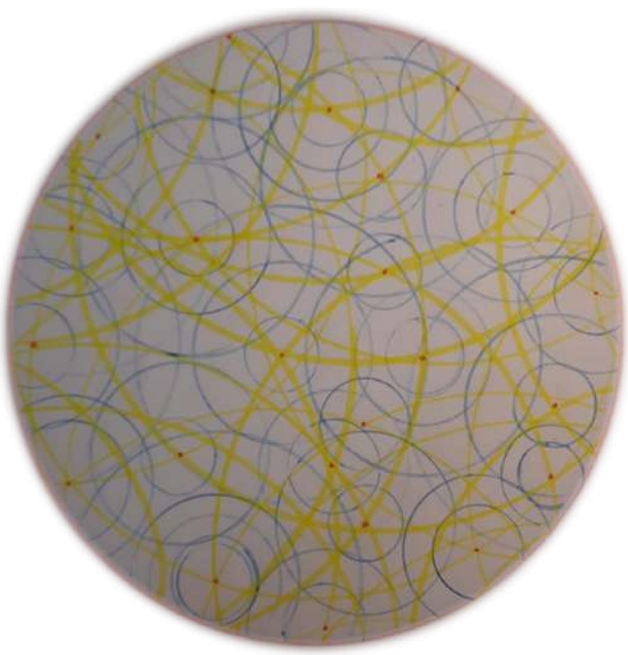
"Reencontrar a nossa Identidade em uma pausa"

Por María Abril Fernández-Fígares

(Esta reflexão é sobre o livro de Sri Ram, *Um Acesso à Realidade*. Como o texto que li é um PDF e não o livro original (edição Orión, Cidade do México, 1963), para citar vou colocar o título e a página do PDF.)

LEI DA RETA AÇÃO

"Se cada um considera a si mesmo como é, pode ver que está relacionado por todos os lados. É uma unidade dentro de uma rede de relacionamentos, um ponto pelo qual muitas linhas se cruzam. É um ponto (vermelho) sobre uma esfera, em torno do qual e através do qual passam uma infinidade de círculos. Os círculos que rodeiam o ponto podem ser considerados ambientais (azuis); os que intercetam o ponto como círculos de relações de consciência ou de vida (amarelos)."[1]



– "Parem o mundo, que eu quero sair!". Quantas vezes ao longo das nossas vidas fomos capazes de pensar ou sentir isto, seja de uma forma mais ou menos consciente. O que não podíamos imaginar, pelo menos muitos de nós, foi aquilo que aconteceu numa questão de dias. O mundo parou. Podemos pensar que foi por causa da pandemia produzida pelo coronavírus SARS-CoV-2 ou também porque o nosso subconsciente2 coletivo estava a clamar por isso. Ou talvez os dois? Ou seja, a pandemia, com sua paragem, pode ser vista como uma resposta da mesma natureza à necessidade interna e urgente da humanidade de encontrar sua identidade.

De qualquer forma, o mundo parou. E tem sido uma paragem sem precedentes de todo o ritmo frenético e consumista que temos adotado por muitas décadas. "Sair" de forma tão abrupta do ciclo da nossa rotina diária agitada, para a maioria de nós por pura inércia, tem sido como um duro golpe seco. Em seguida, sentimo-nos atordoados, cansados, inquietos, zangados, desolados.... Podemos sentir-nos perdidos. Se assim o é, devemos observar essa situação crítica, tranquilizar-nos e respirar profundamente. Temos de reconhecer que a desconexão com parte do mundo exterior, precisamente por estar a parar, convida-nos a refletir mais tranquilamente sobre nós mesmos e, portanto, sobre a direção ou o significado das nossas vidas. Se estamos serenos o suficiente e somos sinceros connosco mesmos, do fundo do coração, podemos sentir como se estivéssemos longe de casa por muito tempo e gostaríamos de voltar. Com este sentimento consciente, esta pergunta vem à mente: – Onde se encontra minha casa? Nesse instante, espontânea e inesperadamente, Sri Ram chega até nós e, afavelmente, aponta-nos para esse caminho de reencontrar nossa casa.

O mais importante é "conhecer-se a si mesmo". Ninguém nos pode levar até lá. É um caminho que cada um de nós tem de percorrer com seus próprios pés. Entretanto, adianto que há alguns acompanhantes. Um deles, especialmente agradável, imprevisto e um guia subtil. E também, em um dado momento, um certo meio de transporte para buscar-nos.

1 *Um Acesso à Realidade*, 23. Cada um de nós é um ponto vermelho sobre a superfície da esfera da Realidade Absoluta. E temos dois tipos de relacionamentos. As relações ambientais, externas e materiais, próprias do Karma, com um tempo e lugar determinados, que formam os círculos azuis concêntricos, em torno do nosso ponto vermelho. E também temos outros tipos de relacionamentos, que são de consciência ou vida. São relações internas, de afinidade, espirituais. Os círculos amarelos têm o mesmo raio da circunferência, por ser a própria Realidade, e passam por nós (ponto vermelho).

2 Uso o termo "subconsciente" porque é o usado por Sri Ram, e em consonância com o sentido que lhe dá Jung. Não deve ser interpretado ou confundido com o significado de "subconsciente" de Freud, porque perderia todo o seu conteúdo.

Antes de começarmos esta viagem, Sri Ram diz-nos para contemplarmos o que nos rodeia para que possamos tomar o caminho na direção e com o vento apropriado. E é assim que vamos fazer. Constatamos, juntamente com seus argumentos, que o mundo exterior, o objetivo, é ilusório. E que o subjetivo, é o real. Perceber a realidade é um ato puramente subjetivo de nossa consciência.

Estamos habituados a ver as coisas voltados para o exterior. Examinamos os factos que ocorrem no mundo objetivo, a partir de nossa perceção sensorial, e os analisamos com os nossos pensamentos. "Parece" que o objetivo é a única realidade e o subjetivo é o ilusório. Fica também implicitamente estabelecido que somente pode ter o alcance da realidade as experiências que todos partilhamos. Mas estas premissas não são verdadeiras.

Estrelas. *Pixabay*

A realidade que observamos, pelas nossas perceções, são meras aparências. À luz do dia não se pode ver as estrelas, mesmo que brilhem como sóis ininterruptamente. Não as vemos como realmente são. O sol parece estar a mover-se, mas também é uma ilusão, uma vez que é a terra que gira, mesmo que nos pareça o contrário. Inclusive a perceção sensorial da matéria: flores, luzes... Não é tão sólida como pensamos. "Há um vazio na matéria"[3]. Há muito mais espaços sem matéria do que com ela. A matéria, no conjunto do universo, é atípica. Sri Ram propõe que se escolha um ponto aleatório, tanto no macrocosmo (estrelas, planetas...) como no microcosmo (átomos, protões, eletrões...) e ensina-nos que há imensas possibilidades de que este ponto, antes de encontrar matéria, se encontre num espaço interestelar ou interatómico. "O universo é subtil" e a matéria só aparece em raras ocasiões. Com isso, o mundo objetivo da matéria não é tão real como parece.

Certamente, alguém pode continuar a pensar que tudo o que é matéria é mais real do que qualquer outra coisa na nossa mente. Mas a nossa própria experiência ensina-nos que há sentimentos ou pensamentos que, por sua intensidade ou persistência, podem dar-nos a impressão de serem ainda mais reais do que esta realidade[4].

Qualquer conhecimento que obtenhamos de algum fenómeno da natureza, embora percebível por muitos, o fazemos através das nossas mentes; é um ato puramente subjetivo. Para conhecer a realidade, temos de olhar para dentro de nós. E ainda mais. Uma experiência não precisa de ser partilhada para ser real. Por exemplo, a experiência de um místico. Também a experiência de ouvir música ou contemplar uma obra de arte não é a mesma para todos. Há uma série de sentimentos, sensações ou mesmo energias desconhecidas, como o movimento do espírito, dependendo de nossas próprias situações vividas, portanto subjetivas, que dificilmente poderiam ser iguais em cada um de nós. Por outro lado, o fato de ser uma experiência única, de um único indivíduo, por si só, não pode classificá-la como não real ou irreal. Porque é real para nós, e sem ela, estaríamos a perder muitas das nuances mais essenciais e reais de nossa existência.

A realidade, queiramos ou não, é psicológica, subjetiva[5]. A própria ciência, como explica Sri Ram, ultrapassou o conceito onde a matéria é a única realidade e a nossa mente um substituto, para propor que ambas, matéria e mente, estão entremeadas e, há relativamente pouco tempo, é que começa a estabelecer que há um predomínio do mental.

3 *Um Acesso à Realidade*, 3.

4 *Um Acesso à Realidade*, 4.

5 É um facto que a forma como percebemos é, de certa forma, uma realidade da nossa situação atual, mesmo que saibamos que é uma forma de ver parcial. Mas é o que temos agora. No entanto, intuímos que, por trás da aparente realidade, se oculta a verdade.

Agora que conhecemos o rumo de nossa viagem, para nosso interior, devemos seguir o conselho de Sri Ram para chegar a nossa casa: "conhece-te a ti mesmo"[6]. Para este fim, desde o primeiro trecho da estrada estaremos acompanhados pela nossa mente. Temos de perceber muito bem a sua natureza, para que nos sirva mais como instrumento do que como um obstáculo. Porque, se não a conhecemos bem, ao longo do caminho pode haver mais pedras e pó do que água para nivelá-la e limpá-la. Com ela, temos de quebrar as falsas ideias e fantasias que aparecem diante de nós e que nos fazem girar em círculos viciosos. O que, obviamente, não nos leva a qualquer lugar.

Temos de tirar a nossa mente da sua involução, porque está acorrentada às nossas experiências passadas. Ela permanece na zona de conforto da conveniência e do comodismo quando a deixamos tranquila com as suas falsas crenças. Mas com um exame crítico e honesto, tanto dos nossos pensamentos como de nossas reações às coisas e às pessoas, agita-se de sobremaneira. No que diz respeito aos pensamentos, a mente, em geral, conhece as coisas a partir dos opostos. Conhecemos uma cor, um som, diferenciando-os de outros. Bom. Não há conflito nisto. O que acontece é que esta dualidade, demasiadas vezes, na sua maneira de ser, confunde a nossa visão das coisas. E aqui sim, há um problema. "Existe nas nossas personalidades o conflito de uma constante contradição".[7] Por um lado, podemos ser frios e distantes, e por outro lado, sensíveis e carinhosos. Com respeito à nossa relação com outras pessoas ou coisas, também é muito desigual. Algumas situações nos repelem irremediavelmente e outras, por outro lado, nos atraem. Temos um fluxo de energias discordantes que agem simultaneamente. E o nosso karma, se isso não fosse pouco, nos impõe uma série de circunstâncias físicas e psicológicas, sujeitas ao passado, que não podemos mudar. Isto deixa qualquer um louco.

Fluxo. *Pixabay*

Neste cenário, o início do caminho com a nossa mente é como se estivéssemos num túnel com o teto baixo, longo, sombrio, com um intenso frio seco, ervas daninhas e muito íngreme. Uma pedra de toque, para avançar através desta paisagem inóspita em que nos encontramos, está na compreensão que cada sensação, seja de prazer ou dor nos condiciona, por apego ou medo. Temos de investigar muito bem o que é o "desejo"[8] mais primitivo. Porque a sua maneira de atuar é realmente um foco de contínuo mal-estar. Em primeiro lugar, temos de visualizar o seu mecanismo: um desejo mundano, com maior ou menor intensidade, causa-nos certo prazer para com algo ou alguém; essa sensação une-se à nossa mente como uma cola e a memória nos implora mais e mais para nos lembrarmos dela novamente. Na verdade, esse desejo constante é a causa da dor. Porque dói quando ainda não o alcançamos e continua a doer quando o conseguimos e queremos mais. É como um vício. Não é saudável, nem mesmo satisfatório. Em segundo lugar, devemos evitar reprimi-lo, pois seria ainda pior que se agravasse na sombra e que voltasse contra nós com mais força. O que devemos praticar quando ele chega é contemplá-lo enquanto dure e deixá-lo ir naturalmente, sem nos envolvermos. A verdade é que se está connosco é

6 *Um Acesso à Realidade*, 42.
7 *Um Acesso à Realidade*, 20.
8 *Um Acesso à Realidade*, 56.

porque tem algo a ensinar para nossa evolução[9] pessoal. Deve-se ter em conta que este argumento também não significa que tenhamos de abdicar do que é agradável, "pois todas as experiências são agradáveis ou dolorosas em certo grau, e não podemos evitar as experiências"[10]. A todo este processo de desapego consciente e observar o nosso falso ser, podemos chamá-lo de des-ilusão[11]. Como diria Buda, temos de desligar o eu pessoal: eu sou isto, eu sou aquilo... que embora pareça tão real é uma mera aparência, uma vez que mudamos continuamente. Este treino mental e espiritual não é fácil, é um processo interno lento e tedioso, que tem de ser constantemente colocado em relação com o nosso modo de vida, ou seja, na prática.

As escolas antigas consideram que o pior erro que nos mantém na escuridão, exatamente onde estamos, no túnel gelado e escuro, é a distinção que a mente faz entre mim e o outro. [12]

É menos mau que possamos diluir essa separação paulatinamente, na medida em que utilizamos a nossa forma de viver para fins cada vez menos caprichosos ou egoístas. Assim, podemos obter, de forma diretamente proporcional mais capacidade de amar e dissolver essa dicotomia que tanto nos impede de voltar para casa.

9 *Um Acesso à Realidade*, 57. O desejo em si não é mau, como explica Sri Ram; ele ensina-nos algo. Creio que os desejos com aspirações elevadas são os que nos levam a ser melhores. O desejo desaparece, necessária e completamente, com os Nirmânakâyas. Eles, embora tenham conquistado o direito ao Nirvana, renunciam-lhe e decidem permanecer invisíveis em espírito na Terra para ajudar por compaixão à humanidade, como Blavatsky explica em A Chave para a Teosofia. Eles, portanto, já não precisam do motor dos desejos para evoluir.

10 *Um Acesso à Realidade*, 57

11 Um Acesso à Realidade, 15. O Processo des-ilusão é necessário para limpar e clarear a mente dos falsos hábitos, desejos ou pensamentos. Mais tarde veremos que ao apagarmos o falso, no caminho para alcançar a nossa verdadeira identidade ou autorrealização, é necessário recriar-nos, fazer das nossas vidas uma obra de arte.

12 Em A Voz do Silêncio de Blavatsky, também explica este grande erro de separar o eu / e o outro, chamado "a grande Heresia". E também aparece como um obstáculo no livro de Sri Nisargadata Maharaj "Eu sou Isto". Em "Fausto" de Goethe. E muitos outros. Porque é essencial ao progresso em direção à Realidade investigar esta dicotomia profundamente arraigada; e é necessário compreender desde a mente e na ação, a natureza mutante do eu pessoal e, portanto, do não-real, para dissolvê-la definitivamente.

Céu. *Pixabay*

Portanto, para seguir em frente e encontrar a nossa casa, temos de remover as ervas daninhas do caminho. Ao fazê-lo, vemos que o túnel acaba e aparece, diante de nós, um terreno menos árido e mais plano, ainda frio, mas mais suportável. Há uma estrada de terra estreita. E acima das nossas cabeças, um grande céu noturno, embora nublado. Neste instante, aparece diante de nós um meio de transporte que nos ajudará a chegar em casa. Chama-se Imaginação. A sua aparência é etérea e tem uma energia que incita, com o seu aroma de bem-estar, a entrar no seu interior e a viajar com ela. Sri Ram nos previne para que, antes de concedermos a nossa confiança à imaginação, que a coloquemos em quarentena para investigar o motivo de querer ajudar-nos[13]. Se ela nos quer levar na sua carruagem vaporosa, com energias que vêm de experiências do nosso passado, atendendo a gostos pessoais e antipatias, devemos descartá-la imediatamente, pois não ajuda oferecer ao nosso pensamento tal opacidade. Mais ainda, podemos chamar-lhe de fantasia e simplesmente descer. Não queremos mais nuvens; queremos ver a luz do dia e, à noite, poder contemplar as estrelas, que ainda não vemos. Agora sim, depois de estar com ela, vemos que não é fantasia, mas realmente imaginação. Ela quer sinceramente levar-nos para casa, porque pressentimos que o lugar onde vai levar-nos não tem nada a ver com nossas experiências passadas.

13 *Um Acesso à Realidade*, 35.

Ela, a imaginação, constrói uma ponte entre a nossa mente e o desconhecido, que se materializa na paisagem desta viagem. "A imaginação amplia a mente, porque nos eleva a níveis superiores e aumenta a nossa sensibilidade" [14]. Capta ideias subtis do não visível e as materializa[15]. "Dá asas à mente." Ela é superior à própria razão, porque cria e não se limita a registar[16]. Com a imaginação se cria o ideal. Junta-se o material que temos com a parte mais elevada e sensível de nossa inteligência. Se o ideal que criamos são qualidades mais elevadas como a beleza, a pureza, a bondade, mesmo a partir de nossa interpretação colorida, pela nossa forma como indivíduos, aproxima-nos de algo superior e espiritual que não conhecemos, mas que assim, talvez, possamos sentir [17].

Riacho. *Pixabay*

A ponte que a nossa imaginação constrói é larga, com pedras claras e escuras. Atravessa um pequeno riacho que vem do topo de uma alta montanha, que se vê de longe. A sua água salpica graciosamente ao passar muito depressa, batendo nas pequenas pedras que ela própria arrasta por sua vez... A noite está magnífica e estrelada. Ao passarmos a ponte, chegamos aos portões de um grande edifício de pedra e mármore. Parece com o que poderia ter sido a primeira biblioteca de Alexandria, com Alexandre o Grande. A sua entrada é guardada por duas enormes esfinges egípcias, com uma policromia tão requintada que não parece deste mundo. Fazemos uma paragem no nosso caminho e entramos. Há um pátio. Nele, um espaço retangular, com musgo verde muito fresco, no interior, um tanque circular, com água quieta e cristalina. E bem no meio ergue-se uma espécie de altar, no qual há uma chama intensa de fogo. Sri Ram explica-nos que representa o ciclo de existência terrena do homem[18]. Este ciclo tem um movimento primeiro de descida e depois de ascensão. Abaixo está a Terra, o musgo, que representa a materialidade. Então a Água, a lagoa, que são os níveis psíquicos. E finalmente, o Fogo, a chama ardente, o mais puro de todos os elementos, que simboliza o Espírito, a Energia Espiritual, o Logos, o Princípio Primeiro, a Vontade da inteligência perfeita manifestar-se (númeno). Primeiro, o homem descende do fogo-água-terra e depois, ascende: terra-água e, finalmente, fogo[19].

Entramos no interior do edifício. Embora seja muito grande, sentimos abrigados no seu interior. Cheira a incenso. Não há muita luz, mas enxerga-se perfeitamente. Olhamos em volta e verificamos que todas as suas paredes estão cheias de livros. Alguns são tábuas, outros papiros, outros rolos enrolados, outros couros escritos, outros livros manuscritos e muitos outros livros impressos. É como se todo o conhecimento do ser humano ao longo da sua existência estivesse contido naquele espaço sublime. É o lugar onde se reuniam os primeiros Teósofos. Valorizavam a sabedoria antiga, que é uma assimilação filtrada na sua primeira essência, de filosofia, ciência e religião. Podemos chamá-la de filosofia espiritual. São estudados tanto o subjetivo como o objetivo, embora em frequências mais subtis do que as vibrações que afetam os nossos sentidos normais. Ajudam-nos a compreender que temos de estudar as coisas de forma profunda e em primeira pessoa, para que possamos colocá-las em prática. A sabedoria em ação é um ensinamento profundo. De uma certa perspetiva, leva-nos por um atalho. Porque nos

14 *Um Acesso à Realidade*, 36.
15 *Um Acesso à Realidade*, 32.
16 *Um Acesso à Realidade*, 32.
17 *Um Acesso à Realidade*, 37.
18 *Um Acesso à Realidade*, 42.
19 Podemos contemplar este movimento do ciclo do homem, enquanto humanidade, como parábola, desde a perspetiva da Geometria Sagrada. A curva começa com o ser humano descendo ao mundo material e, então, ascendendo à medida que se eleva ao mundo espiritual. Ou seja, quando completa sua evolução e reencontra sua identidade.

mostra verdades sem véu. A cultura (arte, literatura, música, matemáticas...) toca vibrações mais subtis, que nos podem indicar a melodia cósmica para onde ir[20]; embora o nosso progresso seja inexorável, tais ondas são uma espécie de impulso para tal avanço.

Leitura. *Pixabay*

No centro do interior de tão solene edifício, descendo escadas de mármore branco com veios azuis acinzentados, um grande livro é exibido, desgastado, mas ainda em bom estado, aberto praticamente ao meio. Ao aproximar-nos, embora esteja escrito com sinais que não são conhecidos, podemos compreendê-lo.

Há uma realidade única e absoluta, duradoura, que é um princípio, ordem ou síntese, a causa da harmonia fundamental e profunda de todo o universo. Esta realidade é a própria verdade em si. A Realidade absoluta, é Una, e quando se manifesta surgem os opostos: espírito e matéria, que são intimamente inseparáveis[21].

Nesse exato momento, um sopro de ar atravessa-nos; é como se escutássemos a vibração de uma nota musical que está em sintonia com as profundezas de nosso ser. E daí vem uma certeza intuitiva de que essa realidade do livro é a nossa casa, e que está dentro de nós. Não temos que procurá-la externamente, num local remoto. Certamente, este é um ato reflexo da nossa mente, que acostumada a continuamente procurar respostas no exterior, passou a crer, erroneamente, que a nossa casa estava distante.

Estas reflexões levam-nos por um momento a duvidar se estamos a sonhar com esse magnífico edifício. A questão é que não parecia um sonho, mas tinha sido tão real como quando estamos acordados. Então, podem os sonhos e a vigília ser a mesma coisa? Na verdade, sim. Mas só quando as nuvens da mente desaparecem e deixam entrar a luz do sol; então, "não há nenhuma ilusão ou engano possível para o olho que percebe. Sono e vigília são a mesma coisa para ele".[22]

Sem saber exatamente se estivemos ou não naquele edifício, mas sem a dúvida de saber que regressamos a casa, continuamos a nossa jornada. Reparamos como o sol aquece ligeiramente o rosto e nos dá uma energia muito renovada. A paisagem parece mudar por segundos. Milhares de flores florescem, com aromas variados e doces, podemos ouvir o canto dos pássaros, uma brisa suave e delicada nos acaricia. O vento está agora a soprar na direção certa. E continuamos a nossa jornada com a nossa mente e a nossa querida imaginação. A certa altura, perdemos a noção do tempo, desfrutando de cada uma das maravilhas que a natureza nos fornece; observamos que cada planta, cada flor, cada animal que é colocado à nossa frente são realmente belos, diferentes e únicos; e com o tempo os percebemos integrados, como se cada um deles fosse uma das notas que compõem uma grande sinfonia, intuindo que sem as mesmas não existiria tal melodia.

O sopro de ar que nos atravessou anteriormente o fez novamente. Mas agora sabemos o que é. É um *Anjo*[23] que, inesperada e celestialmente, veio até nós. Por vezes, se o rastro do vento de uma pessoa está bem orientado, ele sopra a sua luz

20 *Um Acesso à Realidade*, 35.
21 *Um Acesso à Realidade*, 29-31.

22 *Um Acesso à Realidade*, 16. "O homem espiritual é aquele que cortou completamente com tudo isso", "transcendeu o estado vigília e vive em um estado de sonho no sentido mais maravilhoso".
23 *Acesso para o Realidade*, 16. O Anjo é esse agradável e inesperado guia subtil que antecipamos que apareceria no nosso caminho. É revelado pela nossa intuição.

divina e mostra presságios de futuro contidos no agora. Para nós, como uma intuição, sussurrou-nos intimamente que cada coisa que existe no universo está intimamente relacionada. E o que acontece a uma delas afeta as outras, direta ou indiretamente, de forma recíproca, porque todas as coisas estão intimamente conectadas[24].

Além de nos relacionarmos com as coisas, nos relacionamos com outros seres humanos[25] em três planos diferentes: pensamentos, sentimentos e ação física. Existem relações ambientais, externas e materiais, típicas do Karma, com um dado tempo, lugar e circunstância, que devem ser aceitos como vierem. E há outros tipos de relações que são de consciência ou de vida. São relações internas, de afinidade, de espírito. São a pura Realidade e manifesta-se como a oportunidade que temos para expressar a nossa qualidade especial como indivíduos.

Luz. *Pixabay*

Estamos muitas vezes em conflito com os outros devido à nossa falta de profundidade e de contacto interno. Cada um de nós está trancado na sua própria concha[26]. Temos que extrapolar as nossas limitações. Com a nossa singularidade (temperamento, sexo, raça, religião, etc.), devemos alcançar o brilho próprio, a nossa melhor versão, que está em nós em forma latente. É quando a lei da relação justa é expressa e o equilíbrio perturbado da natureza é restaurado. Porque essa versão melhorada toca a vibração que melhor sintoniza com as outras. "Todos os opostos são, na verdade, complementares"[27]. E isso é o que dilui a falsa linha de demarcação entre o eu e o outro, que parece separar-nos irremediavelmente. Assim surge o ideal da Fraternidade, que é essencialmente desinteresseira; que abriga com o seu manto muitos outros ideais nobres: Justiça, Liberdade, Cooperação[28]. Portanto, a relação entre os homens e por extensão com todo o cosmos torna-se inegoística. Todos nós, desde esta nova perspetiva, somos Uno e também, separadamente, um "ser sem eu"[29], Ego divino e imortal, amor puro e relação interior, perfeita e dinâmica.

De acordo com o nosso desenvolvimento subjetivo nesta viagem, uma entrada de puro ser através da nossa consciência que está a despertar, torna-nos mais recetivos e também implica apreciá-lo, cada vez em mais aspetos da nossa vida. Uma pessoa totalmente espiritual é eternamente jovem, no sentido de que o seu ser brilha como uma fonte criadora de vida. E isso dá-lhe uma imagem vital e fresca. Assim, a nossa primeira criação para alcançar este ser puro, depois de termos aplainado o nosso caminho e tirado as ervas daninhas dos nossos falsos mecanismos mentais, consiste em *re-criar* os pensamentos e atos da nossa vida. É uma autorrealização do ponto de vista de ser como uma fonte de criação[30].

Agora, o verdadeiro avanço na direção da nossa viagem está em sentir o *Interesse Supremo*, *Amor Universal*, *onde* o não conhecido encontra o conhecido. E é importante que toque no conhecido, para que exista algo que possamos modificar[31]. Querer instalar-se numa pura abstração da Realidade Absoluta, não é lógico, não é dinâmico e não gera progresso. É um beco sem saída. Não obstante, felizmente, este verdadeiro *Interesse Universal* está dentro de nós,

24 *Um Acesso à Realidade*, 51.
25 *Um Acesso à Realidade*, 23. É o desenho geométrico que representa a lei da relação justa dos seres humanos, que ilustra esta reflexão. O Uno no múltiplo em sintonia celestial.
26 *Um Acesso à Realidade*, 25.
27 *Um Acesso à Realidade*, 24.
28 *Um Acesso à Realidade*, 26.
29 *Um Acesso à Realidade*, 26.
30 Este processo de recriação segue o processo de des-ilusão, para limpar falsas crenças e atitudes, como explicado acima.
31 *Um Acesso à Realidade*, 19.

no nosso coração. Se conseguirmos tocá-lo, mesmo que por um instante, desconectando-nos de todo o resto, poderemos extrair desse momento um sentido de unidade, com um valor não perecível que não nos escapará mais[32]. Em outras palavras, perceber a verdade em si mesma, que está no nosso coração, está essencialmente relacionado a colocá-la em ação. Porque "subjetivamente percebemos e objetivamente criamos"[33].

Fazemos uma última paragem pelo caminho. Se descobrimos que não somos o nosso eu pessoal de emaranhados, emoções, pensamentos e experiências unidos a desejos e temores, que se repetem incessantemente; se lutamos com o coração para livrar pouco a pouco o nosso solo interior das ervas daninhas, desprendendo e desapegando de tudo o que é mutável e ilusório; se insistimos em praticá-lo no nosso dia-a-dia; se tentamos perceber tudo o que nos rodeia, na sua beleza infinita, com as suas diferenças e de forma essencialmente simultânea, como sendo Uno; se nos apagamos e recriamos a nossa vida como se fosse uma obra de arte; se sentimos intensamente no nosso interior o que está sempre presente, a realidade atemporal, o interesse universal, tal como percebemos durante a nossa volta com Sri Ram; então, podemos realmente perguntar: – Quem sou eu? Nesta pergunta há uma transformação[34]. A consciência faz uma reviravolta na sua engrenagem. Nesta paragem da nossa existência, descemos do mundo. E permite-nos discernir e sentir de uma forma, mais intuitiva e criativa. Nesta paragem, brota a nossa própria identidade. Ser sem um Eu. Um "Estar só"[35]. Sri Ram faz-nos uma última e esclarecedora sugestão: convida-nos a investigar o que é a realidade em si, a partir do conceito de "autoconfinamento" de Krishnamurti que, por sua vez, está na mesma linha que os conceitos de "Solidão criativa", "Ser unitotal" ou "Estar só". Usa a expressão "autoconfinamento"[36] com dois sentidos diferentes. Um, como uma concha endurecida ou prisão, que se instala numa mente com limitações, sem a possibilidade de sentir vibrações mais subtis. E outro, que é o que nos inspira aqui, "autoconfinamento" enquanto "só comigo mesmo", um círculo único e completo em total comunhão com o universo.

Realmente, a nossa intuição[37] procura algo mais, para além da matéria e do mundo exterior que a rodeia, assim como a lua influencia intimamente todos os líquidos da Terra, ela exerce essa atração interior sobre nós e age inexoravelmente. Na maré de pensamentos, sentimentos ou emoções imaginados e vividos, cada vez mais puros, sensíveis e recetivos, a consciência transcende as nossas mentes e atrai o real cada vez para mais perto.

Aqui chegamos ao final de nossa jornada; estamos às margens do imenso mar de cor azul penetrante e, sem pensar nem por um segundo, mergulhamos na cabeça. Rapidamente notamos a sua frescura e respiramos perfeitamente dentro dele. É um espaço interestelar. É uma pausa fora do tempo onde aflora nossa verdadeira identidade. Ser sem amarras, sem corpo, cheio sem conteúdo, alegria indescritível.

32 *Um Acesso à Realidade*, 20.

33 *Um Acesso à Realidade*, 18.

34 *Um Acesso à Realidade*, 47. Consiste em chegar a ser o que é, que é, em essência, o mesmo que já era de forma latente; no entanto, agora o é potencialmente.

35 *Um Acesso à Realidade*, 55. Sri Ram faz referência a esse termo de Krishnamurti, segundo o ditado, como a chave para compreender o acesso ao que é a verdadeira Realidade, que nos guia e submerge no seu livro. "Certamente, há uma diferença entre esse estado de solidão (loneliness), que implica sentir-se só, solitário (lonely), e o outro estado que envolve ser sozinho, livre, não depender de ninguém (alone). A primeira das solidões é a essência do processo de autoisolamento. Quanto mais conscientes somos de nós mesmos, mais isolados estamos, e a consciência do "eu" é o processo de isolamento. Mas a outra solidão (aloneness) não é isolamento e só existe quando deixa de existir a solidão do isolamento. É um estado onde toda a influência chegou ao fim, tanto a externa quanto a interna, da memória; e somente quando a mente está nesse estado de solidão criativa ela pode conhecer o incorruptível. Mas, para chegar a isso, é preciso compreender a solidão que implica esse processo de isolamento constituído pelo 'eu' e as suas atividades. Assim, com a compreensão do 'eu', o isolamento começa a terminar e, portanto, o estado de solidão que o isolamento origina acaba" (El amor y la soledad, p. 17). "Esta unitotalidade não é dolorosa, temida solidão. É a unitotalidade do ser; é incorruptível, rica, completa. Esse tamarindo não tem outra existência além de ser ele mesmo. É assim que é essa totalidade. Estamos só, como o fogo, como a flor, mas não percebemos a nossa pureza e imensidão. Só se pode entrar verdadeiramente em comunhão quando existe unitotalidade. Ser unitotal não é o resultado da negação, do autoisolamento. A unitotalidade é a extinção de todos os motivos, de todas as buscas de desejo, de todos os fins. A unitotalidade não é um produto final da mente. Não se pode desejar ser unitotal. Tal desejo é simplesmente uma fuga da angústia de não ser capaz de comungar" (*Comentários sobre o viver*, 1ª parte, p. 15).

36 *Um Acesso à Realidade*, 55.

37 Intuição como uma faculdade superior à razão e forma de conhecimento direto para o desconhecido.

Sol. *Pixabay*

H. P. Blavatsky. Filosofía para la Vida, Nueva Acrópolis.

Madame Blavatsky sobre Filosofia Vishishtadvaita

Publicado pela primeira vez em The Theosophist, vol. IV, No. 8, maio de 1883, pp. 196-97.
Republicado em Blavatsky Collected Writings, (VISHISHTADVAITA PHILOSOPHY) IV pp. 422-26.

Catecismo da Filosofia Vishishtadvaita

[Apenas aquelas perguntas e respostas às quais Blavatsky anexou notas de rodapé são incluídas.]

O *que é* Moksha? A *fruição de* Brahma (Brahma, Parabrahma, Paramātman, Īśvara, Bhagavanta denotam o mesmo princípio) *após a separação ou emancipação de toda conexão material.*

Qual é a natureza de Īśvara? *Não tem más qualidades, mas apenas boas, é uma sabedoria eterna e universal; omnipotente, tendo a verdade como seu princípio e propósito final. É o Mestre universal, omnipresente, tendo como seu corpo natureza* chetana (*animado*) *e* achetana (*ou inanimado*); *e é bastante distinto de Jīva.*

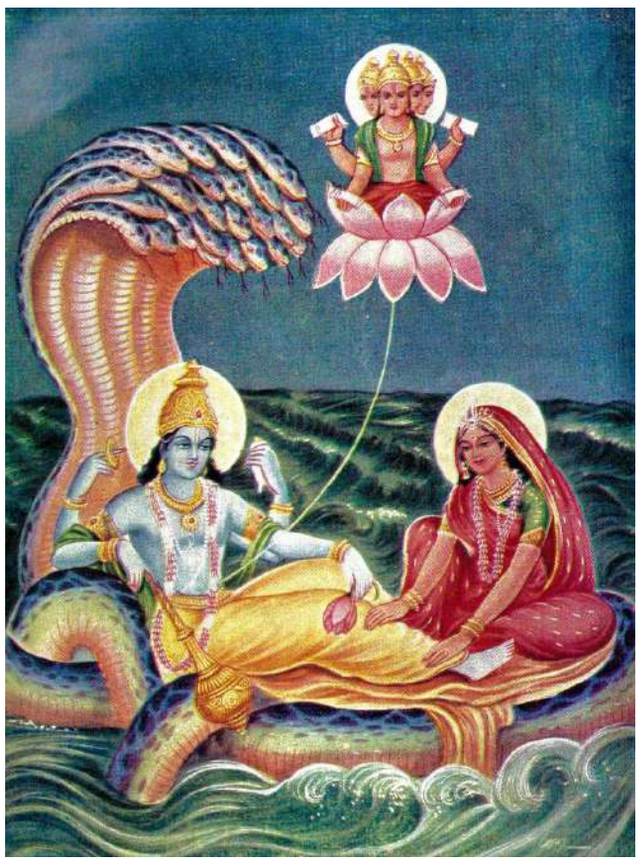
Se "*Brahma*, *Parabrahma*, *Paramātma*, *Īśvara*, *Bhaga-vanta* denotam o mesmo princípio" e são todos imutáveis, não criados, indestrutíveis, omnipotentes, omnipresentes; se, novamente, têm "a verdade como seu princípio e propósito final", e se ao mesmo tempo "*não têm más qualidades, mas apenas boas*", imploramos para humildemente inquirir sobre a origem e a existência do mal naquela que tudo permeia e todo-poderosa bondade, de acordo com a Filosofia Viśishtādvaita.

Qual é a natureza de Jīva? Jīva *participa da natureza de* Brahma *em sabedoria; é subserviente a* Brahma *e é uma partícula indivisível (espiritual) (mónada); não pode ser criado nem destruído; per se é imutável e não tem forma; e ainda distinto de* Īśvara.

A *mónada* ou "*Jīva*" sendo "distinta de *Īśvara*" e ainda "imutável *per se*, incriada e indestrutível", deve ser forçosamente admitida, em tal caso, que existem, não apenas duas, mas inúmeras entidades distintas em nosso universo, que são infinitas, incriadas, indestrutíveis e imutáveis? Se nenhum dos dois criou o outro, então eles estão, para dizer no mínimo, ao mesmo nível, e ambos sendo infinitos, temos, portanto, dois Infinitos mais inúmeras frações? A ideia, se a entendemos bem, parece-nos ainda menos filosófica do que a do Deus dos judeus e cristãos que, infinito e *omnipresente*, passa eternidades *criando*, a partir de si mesmo, almas que, embora criadas, tornam-se imortais, ou seja, eternas e, tendo que estar presente em algum lugar, *devem* ou afastar a Presença Omnipresente ou tornar-se um com ela, ou seja, perder sua individualidade como uma chama menor absorvida por uma maior. Novamente, se *Jīva* "participa da natureza de *Brahma* em sabedoria" e também é eterno, indestrutível e imutável como o último, então em que aspecto ele é "*distinto*" de *Brahma*?

Jīva, Īśvara, Māyā *são existências reais (verdade ou realidades)? Todos os três são verdadeiros.*

Esta resposta está incompleta e, portanto, insatisfatória. Gostaríamos de saber em que sentido cada um desses três é entendido como tendo existência real?



Brahma emerge do umbigo de Vishnu. *Domínio Público*

Parabrahma *tem* Jīva *como o seu corpo; ele tem* Prakriti *como o seu corpo;* Chit *e* Achit *formando o corpo para o morador interno,* Īśvara, *como o* primum mobile.

E se por "Īśvara" dissermos a "Vida Única" dos budistas, será exatamente a mesma coisa. A "Vida Única" ou "Parabrahma" é o primum mobile de cada átomo e não existe fora dele.

Tire o *chit* e o *achit*, os *gunas*, etc., e Īśvara não estará em lugar nenhum.

O que é Karma? Ordenação ou vontade de Īśvara.

Nesse caso, a filosofia Viśishtādvaita ensina que o homem é irresponsável e que um devoto dessa seita não pode mais evitar ou mudar seu destino do que o cristão predestinarista, ou que ele o pode fazer orando e tentando propiciar Īśvara? No primeiro caso, Īśvara torna-se um tirano injusto, no segundo - uma divindade caprichosa capaz de ser implorada e de mudar de ideias.

O que Īśvara ordena? "Você é feliz", "você é infeliz" e assim por diante.

Por que Īśvara assim o faz? Por causa das boas e más ações de Jīva:

Mas, uma vez que *Karma* é "a ordenação ou vontade de *Īśvara*", como pode Jīva ser responsabilizado por seus actos? *Īśvara* criando ou desejando o Karma de cada homem, e então punindo-o pela sua maldade, lembra-nos do Senhor Deus de Israel que criou o homem ignorante, não permitindo que um fio de cabelo da sua cabeça caia sem a sua vontade, e então quando o homem peca por meio da ignorância e da tentação da criatura de Deus - a Serpente, ele está eternamente condenado por isso. Suspeitamos que a filosofia Viśishtādvaita seja tão cheia de mistérios incompreensíveis que Īśvara "não ordenou" que devam ser questionados - como o próprio cristianismo missionário. As perguntas e respostas dos números 24 a 27 são totalmente incompreensíveis para as nossas conceções limitadas. Em primeiro lugar, somos informados de que a existência condicional de Jīva é "por meio da sua eterna companhia com *Achit*", um estado devido ao *Karma*, ou seja, à "ordenação ou vontade" de Īśvara; e ainda mais adiante é dito "*Īśvara* assim o deseja por causa dos bons e maus actos de Jīva." Estas duas proposições parecem-nos totalmente irreconciliáveis. Que "actos bons ou maus" Jīva teve de fazer, e em que estado de existência ele estava antes de Īśvara ordená-lo ou desejá-lo na sua existência condicional, e se mesmo esses actos não foram devidos à "ordenação" de *Īśvara*, são questões ainda encobertas num mistério perfeito. Esperamos, entretanto, que o nosso Irmão Boris de Zirkoff do Catecismo acima esclareça as nossas dúvidas sobre estes pontos delicados.

Visto que Jīva é subserviente a Īśvara e Jīva só pode fazer o que lhe foi ordenado fazer, como pode Īśvara puni-lo? E como Īśvara indica, por meio de Śāstras (Leis ou Institutos) o que é bom e o que é mau, para subordinar Jīva? Īśvara dá a Jīva órgãos (corpo), etc., livre arbítrio e capacidade de conhecimento, e um código que explica o que deve ser evitado. Jīva é dependente, mas ainda possui independência suficiente para executar o trabalho que lhe foi confiado. Īśvara distribui recompensas ou punições conforme Jīva usa as funções com as quais é dotado, em conformidade com os Śāstras ou não. (Considere as consequências do uso ou abuso de poder com o qual o rei investe seu primeiro-ministro.)

Precisamente como no Catecismo Cristão. Consequentemente, tanto o último como o primeiro, para a mente estritamente filosófica, são - não filosóficos e ilógicos. Pois qualquer um dos homens é dotado de livre arbítrio e então o seu *Karma* é a sua própria criação e não a "ordenação ou vontade" de *Īśvara*, ou ele é irresponsável e tanto a recompensa quanto a punição tornam-se inúteis e injustas.

Īśvara sendo omnipresente, qual é o significado da realização de Moksha noutros Lokas? Assim que a sabedoria completa (Brahmājñana) é obtida, ou seja, o estado de iluminação completa, Jīva liberta-se do seu Sthūla śarīra; sendo abençoado por Īśvara que habita no seu coração, vai em Sūkshma śarīra para Aprākrita Loka (mundo não material); e abandonando Sūkshma śarīra torna-se Mukta (emancipado).

"Emancipado" então de *Īśvara* também? Uma vez que "*Īśvara* mora no seu coração e que o coração forma uma porção de *Sthūla śarīra* que ele deve sacudir antes de se emancipar e entrar no mundo não material, há todas as razões para acreditar que Īśvara é "sacudido" ao mesmo tempo que *Sūkshma śarīra*, e com todo o resto? " Um verdadeiro *Vedāntin* diria que *Īśvara* ou *Brahmā* é "*Parabrahman* mais MĀYĀ (ou ignorância)."

Como você sabe que tudo isso é verdade? De Śāstras.

O que é Śāstra? *As Sagradas Escrituras chamadas* "Veda" *que é* Anadi *(não teve começo),* Apurusheya *(não-humano),* Nitya *(não afetado pelo passado, presente ou futuro) e* Nirdosha *(puro).*

Isto é exatamente o que é negado pela maioria dos Pandits que não são *Viśishtādvaitins*. Os *Śāstras* podem ser considerados idênticos aos *Vedas* tão pouco quanto as muitas centenas de comentários conflituosos sobre os Evangelhos pelos chamados Pais da Igreja são idênticos ao Cristianismo de Cristo. Os *Śāstras* são o repositório de muitas opiniões individuais de homens falíveis. E o simples facto de entrarem em conflito entre si nas suas intermináveis e variadas interpretações prova que também devem entrar em conflito com o assunto sobre o qual comentam. Daí - que eles são distintos, e nem um pouco idênticos aos *Vedas*.

Por várias razões, não podemos imprimir, junto com a tradução acima, o seu texto em sânscrito. Ele pode ser reservado para uso futuro e partes dele publicadas conforme a ocasião exigir, para responder às possíveis objeções que podem ser apresentadas pelos nossos irmãos *Advaitī* e *Dvaitī*. Na nossa humilde opinião, uma vez que não pode haver senão uma e única Verdade, as mil e uma interpretações por diferentes sectários da mesma e única coisa são simplesmente as aparências externas e evanescentes ou aspectos daquilo que é muito deslumbrante (ou talvez muito escuro e muito profundo) para o olho mortal distinguir e descrever corretamente. Como já foi observado por nós em Ísis sem Véu[1], os inúmeros credos e crenças foram todos derivados de uma fonte primitiva. A VERDADE posicionando-se como um único raio de luz branca, é decomposta pelo prisma em várias cores do espectro solar que enganam os olhos. Combinados, o agregado de todas aquelas intermináveis brotos e ramificações de interpretações humanas - representam uma verdade eterna; separados, eles são apenas sombras do erro humano e os sinais da cegueira e da imperfeição humanas. No entanto, todas essas publicações são úteis, uma vez que enchem a arena da discussão com novos combatentes e essa verdade pode ser alcançada, mas após a explosão de inúmeros erros. Convidamos nossos irmãos *Dvaitī* e *Advaitī* a responder.

1 Vol. II, p. 639

Notas de rodapé de "Filosofia Vishishtadvaita"

Publicado pela primeira vez em The Theosophist Vol. IV, No. 9, junho de 1883, p. 228. Republicado em Blavatsky Collected Writings, (FOOTNOTES TO "VISHISHTADVAITA PHILOSOPHY") IV pp. 535-37.

H.P. Blavatsky e teosofistas hindus na Índia. *Pomínio Público*

[O tradutor do Catecismo sobre a Filosofia Viśishtādvaita escreve que ele não é responsável pelas opiniões expressas no texto sânscrito original. Ele responde resumidamente às objeções levantadas a partir de uma explicação apressada que lhe foi dada pelos autores do texto. Os parágrafos nos quais H.P. Blavatsky comenta são reimpressos:]

> Parabrahm *sendo um princípio que tudo permeia, ele mesmo sendo o Todo, ainda é considerado como uma substância separada de Jīvan, embora o primeiro contenha o último, da mesma maneira que falamos de uma parte separada do todo do qual é uma parte.*

Não podemos conceber um "*Todo que tudo permeia*", separado de sua parte. A ideia apresentada por nosso erudito irmão é, sem dúvida, a doutrina teísta, mas não muito filosófica, que ensina a relação do homem com Deus como aquela entre pai e filho.

> *Uma parte é, portanto, da mesma natureza que o todo, embora sua qualificação distintiva seja o facto de ser uma parte, a saber, a individualização e a dependência do todo. Desta forma,* Jīvan *é considerado em relação com e distinto de* Parabrahm*.*

Não seria melhor e muito mais filosófico recorrer, em tal caso, ao mui repetido símile do oceano? Se supomos, por um momento, que o infinito é um oceano vasto e omnipresente, podemos conceber a existência individual de cada uma das gotas que compõem esse mar. Todas são semelhantes em essência, mas suas manifestações podem diferir e diferem de acordo com as condições circundantes. Da mesma forma, todas as individualidades humanas, embora semelhantes em natureza, diferem nas manifestações de acordo com os veículos e as condições através das quais devem agir. O Yogi, portanto, até agora eleva seus outros princípios, ou vamos chamá-los de veículos, se preferirmos, de modo a facilitar a manifestação da sua individualidade na sua natureza original.

> *Minha própria inferência é que* Advaita *e isto coincidem, o primeiro considerando que* Jīvan *é* Parabrahm*, modificado pelo último em "*Jīvan *é uma parte apenas de* Parabrahm*."*

Nós acreditamos que não. Um verdadeiro Advaitī vedântico esotérico diria: *Aham eva Parambrahm*, "Eu também sou Parabrahm". Na sua manifestação externa, Jīvan pode ser encarado como uma individualidade distinta - a última uma *māyā*; na sua essência ou natureza, Jīvan é - Parabrahm, a consciência do paramātma manifestando-se por meio de, e existindo apenas nos *Jīvans* agregados vistos coletivamente. Um riacho na costa do oceano é um, contanto que a terra sobre a qual se estende não seja recuperada. Forçada para trás, a sua água torna-se o oceano.

> *Considerado desta maneira, existe um Infinito, composto de infinitos incontáveis.*

Não sabemos o que nosso erudito irmão pode significar por *Jīvan* ser "dependente" do todo, a menos que se queira dizer "inseparável de". Se o todo é "*todo-pervasivo*" e "infinito", todas as suas partes devem estar unidas de forma indivisível. A ideia de separação envolve a possibilidade de um vácuo - uma porção de espaço ou tempo onde o *todo* deveria estar ausente em algum ponto. Daí o absurdo de falar das partes de um ser Infinito também infinito. Para ilustrar geometricamente, suponha que haja uma linha infinita, que não tem começo nem fim. As suas partes também não podem ser infinitas, pois quando se diz "partes", elas devem ter um começo e um fim; ou, noutras palavras, devem ser finitas, seja numa ou noutra extremidade, o que é uma falácia tão evidente quanto falar de uma alma *imortal* que foi *criada* em algum momento - implicando assim um início para aquilo que, se a palavra tem algum sentido, é eterno.

> Jīva*,* Īśvara *e* Māyā *são considerados reais, todos os três nesta perspetiva, ou seja, desde que qualquer coisa tenha existência, é real ou verdadeira, embora essa existência não possa durar para sempre. O* Advaitī *diz que apenas o que é imutável é verdadeiro, e todas as coisas temporárias e passíveis de mudança são ilusórias; ao passo que a* Viśishtadvaitī *diz que, como a imutabilidade é real na eternidade, então a mutabilidade também é real por enquanto, e enquanto não houver mudança. Minha própria inferência é que toda a dificuldade aqui está nas palavras, mas que a ideia é uma só.*

Gostaríamos que nosso erudito irmão nos mostrasse uma coisa em todo o universo, desde o sol e as estrelas, até o homem e o menor átomo, que não está passando por alguma mudança, seja visível ou invisível, a cada menor fração de tempo. É a "individualidade *pessoal* do homem" - aquilo que os

budistas chamam de *attavāda* - "*ilusão* do eu" - que é uma *realidade* noutro lugar que não na nossa própria Māyā?

> *Diz-se que* Jīvan *é dependente e independente, da mesma forma que um ministro, um* dewan*, é independente no exercício de autoridade e dependente de seu rei para a concessão dessa autoridade.*[2]

A comparação do rei e do dewan não tem sentido com referência ao assunto ilustrado. O poder de conferir autoridade é um atributo finito, inaplicável ao infinito. Uma explicação melhor da contradição é, portanto, necessária e confiamos que nosso irmão a receberá de seus inspiradores.

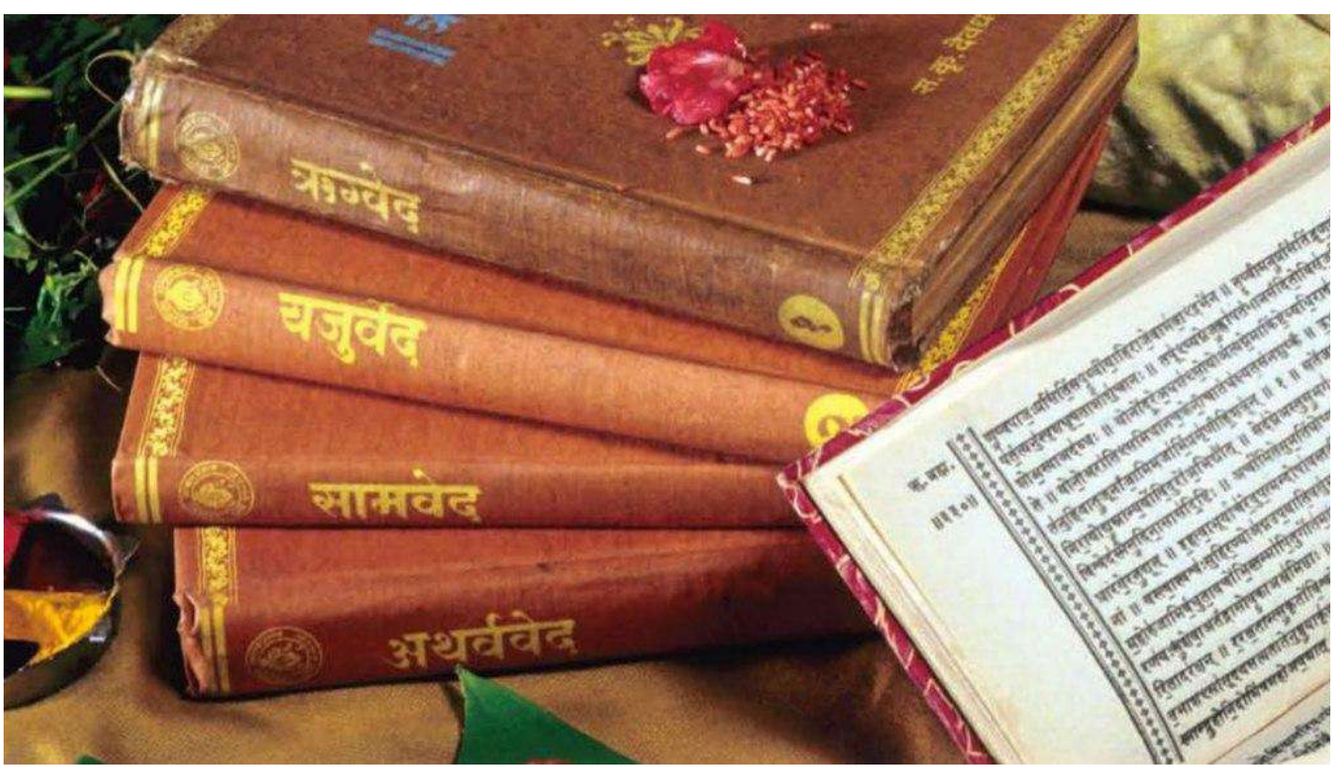
> *Uma distinção subtil é feita entre a vontade de* Īśvara *e o* Karma *de* Jīva*; A vontade de* Īśvara *ou* Karma *sendo o estado sempre ativo do todo - o* Parabrahm*.*

Esta é de facto uma "distinção subtil". Como pode *Parabrahm* ser "o estado sempre activo do todo" quando o único atributo - absolutamente negativo - de *Parabrahm* é passividade, inconsciência, etc.? E como pode *Parabrahm* o único princípio, a Essência universal ou a TOTALIDADE, ser apenas um "estado do TODO" quando ele mesmo é o TODO, e quando mesmo os *Dvaitīs* vedânticos afirmam que *Īśvara* é apenas uma mera manifestação de, e secundária a, *Parabrahm* que é o TOTAL "todo-Pervasivo"?

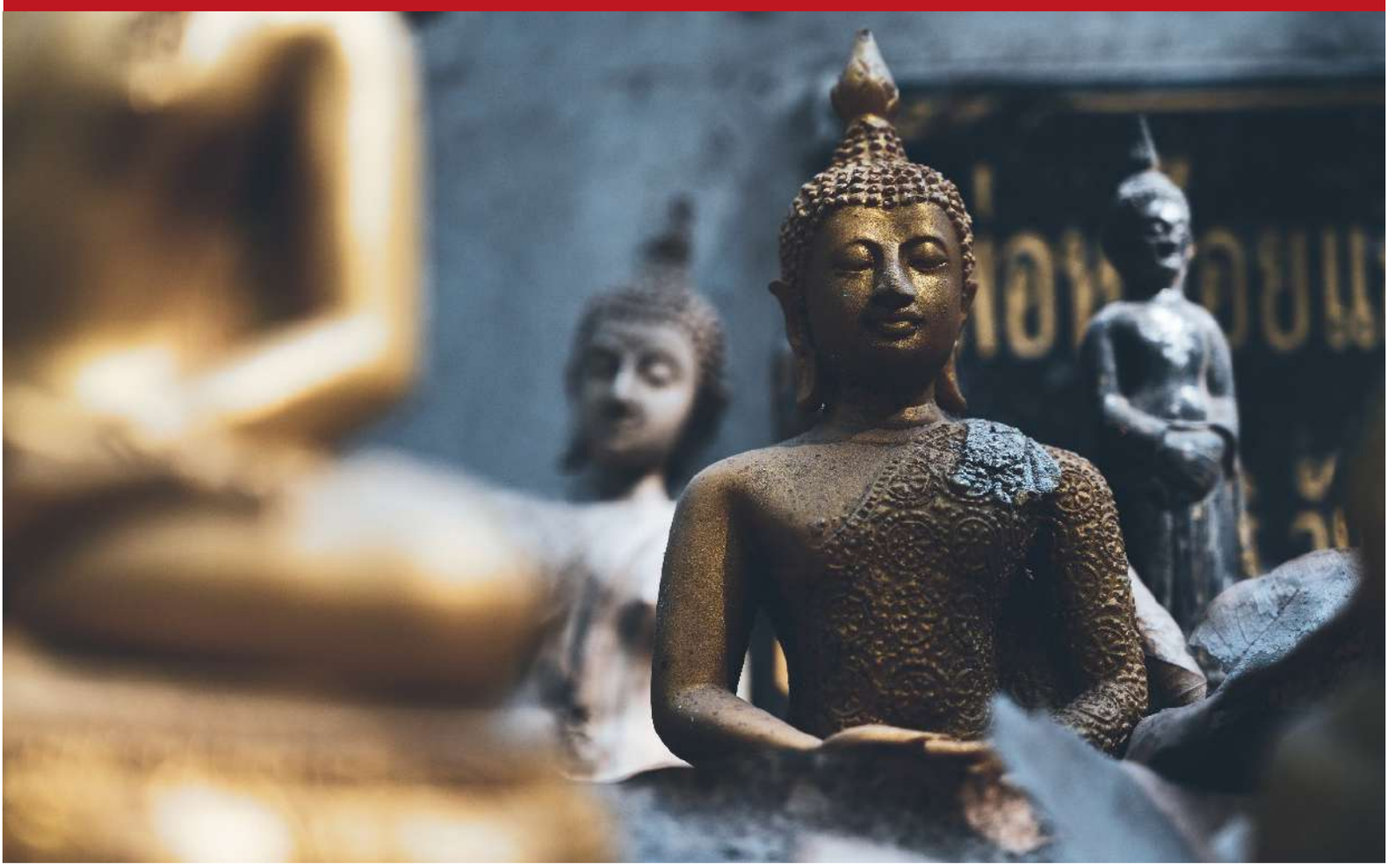
> *Eu concordo perfeitamente com o Editor ao dizer que a verdade permanece como o único raio de luz branca decomposto em várias cores no espectro; e acrescento que o único raio branco é verdadeiro, assim como as cores decompostas. Esta é a visão teosófica.*

Não é bem assim, receamos. As cores enganosas do espectro sendo desmembradas e apenas os reflexos ilusórios do um e único raio - não podem ser verdadeiras. Na melhor das hipóteses, eles repousam sobre um substrato de verdade, para o qual muitas vezes é necessário cavar profundamente para ter a esperança de alcançá-lo sem a ajuda da chave esotérica.

2 [Cf. Nārada Bhakti Sutra No. 32. Texto completo na nossa Higher Ethics and Devotion Series. - ED. PHIL.]



Os Quatro *Vedas. Creative Commons*



Estátua de Buda. *Pixabay*

Comentário ao capítulo V do Dhammapada:

Bālavagga: O Louco

Por José Carlos Fernández

Escritor e diretor de Nova Acrópole Portugal

Embora tenham passados séculos, e ainda milénios, não existe leitura mais atual que a dos clássicos, especialmente se falarmos dos Lotus que perfumaram toda a humanidade e ainda iluminam a alma com os seus ensinamentos como fontes de esperança. Tal é a voz de Buda, o seu rugido de leão fazendo ouvir a Boa Lei.

De entre os textos escritos que recompilam os seus ensinamentos, não há nenhum tão claro, tão definitivo, tão chamativo e próximo como o Dhammapada. Recordemos que estes Sutras, ou máximas condensadas de conhecimento, moral, neste caso, foram sintetizados no Primeiro Concílio do Budismo, tentando lembrar tudo o que o Thatagata havia explicado, recordado de memória por dez gerações e, só mais tarde, transcrito na língua Pali. Daí o nome «Canon Pali" dado ao Tripitaka, dentro do qual se encontra o Dhammapada.

Este capítulo é um espelho que nos mostra a alma e nos diz tudo aquilo que nos pode fazer sofrer

por insensatez. Qual é a condição do insensato, tenebrosa condição humana na qual a mente perde a lucidez e trabalha para a sua própria destruição, escolhendo caminhos de dor que poderiam ter sido evitados. Essa insensatez desconhece as fronteiras, os sexos, a classe social, a educação recebida, até a experiência acumulada - que de nada serve quando a mente cega está obstinada - e ainda a sagrada condição do Discípulo, que embora vigilante, perde a sua atenção, também pode cair nas redes e no veneno da sua própria insensatez.

> *"Deixai que leigos e monges pensem: 'Isso foi feito por mim; que em cada coisa, seja grande ou pequena, outros vejam o meu trabalho e me elogiem.' Esta é a ambição do insensato, e assim o seu desejo e orgulho aumentam."*

Tal é o peso da insensatez nas nossas almas que uma discípula do Coração de Buda, a brilhante HP Blavatsky, nos ensinou que por mais vicissitudes, sofrimentos, golpes recebidos, sonhos fracassados, esperanças truncadas, êxitos convertidos rapidamente em amargura experimentadas pela alma, mesmo que fossemos despossuídos na vida ou na morte de tudo o que mais amamos, se a alma, ao morrer fosse um pouco menos insensata do que antes de nascermos, poderíamos brindar com o elixir da imortalidade e nos sentirmos satisfeitos e bem pagados pela jornada vivida.

Este capítulo nos ensina que a insensatez é um caminho de sofrimento que se alarga penosamente, como o amanhecer para quem vigila cansado durante a noite, um caminho tão penoso no fim, como a própria roda de renascimentos que evoca com as suas trevas mentais.

Diz-nos que nada do que consideramos nosso, um tesouro, como saúde, filhos, bens temporais ou mesmo de educação ou linhagem (recordemos os 8 tipos de riqueza que já mencionamos em outros artigos) são inúteis se formos insensatos. Sem discernimento, tudo aquilo com o qual poderíamos ter feito bem aos outros, e ser uma satisfação para nós mesmos, torna-se um mal amargo e infeliz.

Discernimento. *Pixabay*

Lembra que nos devemos conhecer, e aí descobriremos o quão pouco realmente sabemos, porque a sabedoria só se casa com a humildade e escapa ao que se pensa douto.

Que estar ao lado de um homem sábio não nos serve de nada, mesmo que passemos a vida a ouvir os seus ensinamentos, se a nossa alma é insensata e não sabe ouvir com o coração e a mente purificadas. Que o insensato é o seu pior inimigo, pois magoa-se e a suas ações colhem frutos amargos.

Que as más ações surgem, como diria Sócrates, dessa ignorância, dessa insensatez e levam, pelo império da lei kármica, às lágrimas, ao amargo arrependimento.

Os gregos diziam que quem não se lança ante a oportunidade, Kairos, quando esta chega rápido, por insensatez, sempre a acompanha a amarga compreensão (*metanóia*) ou arrependimento.

É verdade que a vida é fecunda em dádivas e que, para a alma atenta, a vida é um enxame de belas oportunidades para condensar o mel que nos alimenta e permite avançar felizmente com ela.

Como diz uma poetisa do amor:

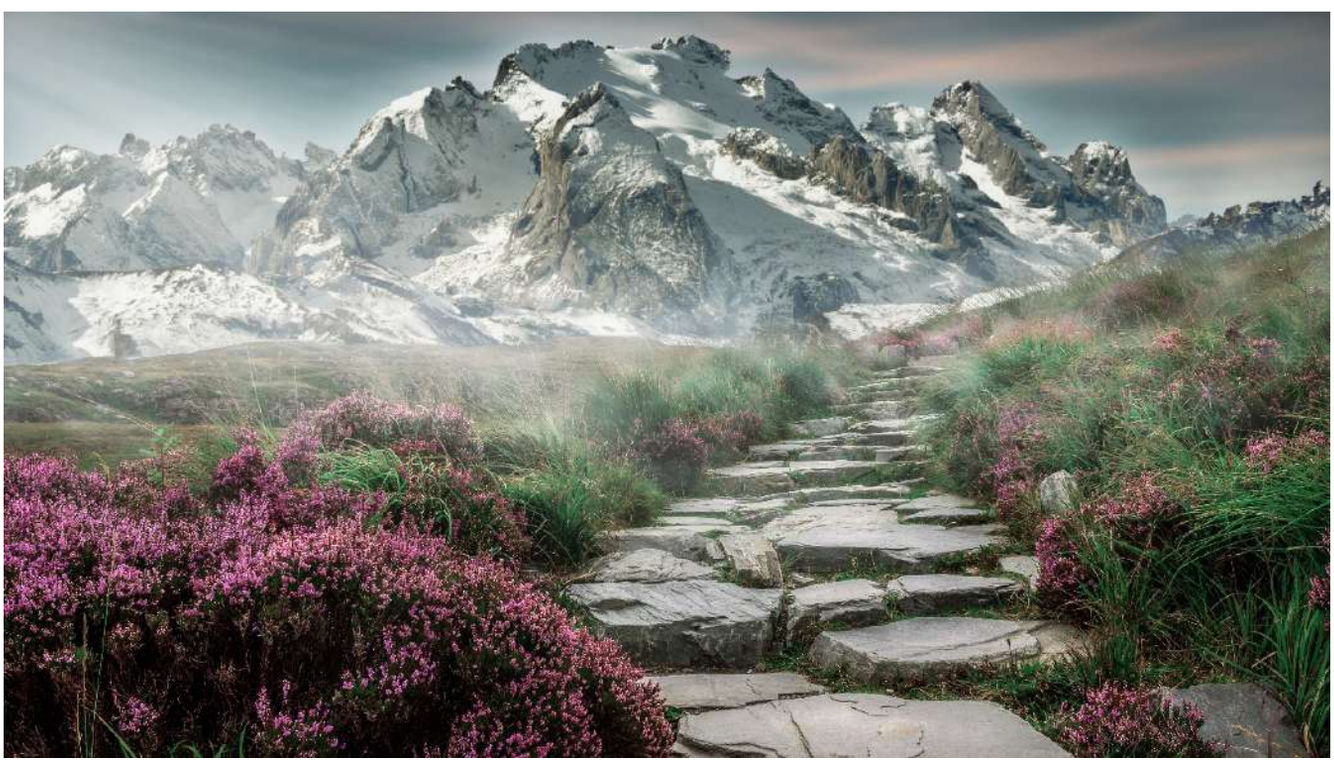
... Quão cegadora é a ilusão
que nos perde e nos desorienta,
ao longo do caminho,
e quão grande é a vida,
que nos oferece o poder de corrigir,
uma vez atrás de outra,
os nossos erros ...

Ao que o Dhammapada responde, sem ser textual, "e quão amargas são as lágrimas vertidas por esta insensatez", pois mesmo que a vida seja sempre generosa, a alma fechada sobre si mesma, o cego e vítima de seus desejos, sofrerá uma chuva ácida de males.

Diz que não é possível a amizade da alma com o insensato (61) e que é melhor o caminho solitário do que ir com quem não sabe falar nem ouvir com a alma, porque vai envolto no manto surdo da insensatez e não se pode dialogar com os surdos de ânimo.

Menciona também o que em A *Voz do Silêncio* alerta sobre a Doutrina da Cabeça, pois esta, sem a sabedoria da Alma (a Doutrina do Coração), confere um conhecimento que "é apenas causa de dor, que destrói a mente e a sua boa natureza" (72)

A síntese áurea deste Ensinamento é que na realidade, como na "Eleição de Hércules" na mitologia grega, apenas existem dois caminhos, um parece levar à riqueza e às vitórias no mundo, ao prestígio, e o outro leva à Perfeita Sabedoria, para a Pura Liberdade (Nirvana, a "extinção" do sofrimento). O sábio escolhe o último, o insensato o primeiro, ou pior ainda, fica parado, enraizando os pés no que já deixou de ser um caminho, pois o caminho só existe enquanto o caminhante avança nele, se não é apenas a terra que apoia, e não por muito tempo.



Caminho. *Pixabay*

Pintura mural de Gandhi. *Creative Commons*

Gandhi: a Força Ética da Ação não Passiva

Por Francisco Sánchez

Publicado na revista Esfinge, outubro 2019

Quem é Gandhi? Ele é um professor, um asceta, um político, um filósofo?... Vamos abordá-lo e interpretá-lo sobre o enredo dos valores éticos, filosóficos e espirituais da tradição indostânica.

Por nascimento (2 de outubro de 1869), é um baneane, dentro da casta vaysha, a terceira casta depois dos brâmanes e dos xátrias, que interpretamos no Ocidente como comerciantes ou empresários, embora a sua família já tivesse três gerações dedicadas à política, com funções de primeiros-ministros em vários estados. Casam-no aos treze anos com Kasturbai, e permanecerão juntos 62 anos. Observamos a influência do Ocidente naquela Índia sob dois aspetos: 1º os britânicos são considerados uma raça superior e o cavalheiro ("gentleman") é o modelo de referência; 2º os sacerdotes cristãos propagaram a crença de que o hinduísmo é um conjunto de superstições e idolatrias. Desta forma, aos 18 anos ele prepara-se para ir para a Inglaterra, a

metrópole, onde estudará direito e se formará como um verdadeiro cidadão do Império. Apesar de tudo, a sua mãe obriga-o a comprometer-se e a fazer votos de "não tocar em vinho, mulher ou carne". O destino tem os seus próprios desígnios e, em Londres, conhece dois teósofos que o apresentam a Helena Petrovna Blavatsky, fundadora da Sociedade Mundial Teosófica, e a Annie Besant, que se havia convertido à teosofia recentemente. Este é seu primeiro contato com o princípio e o trabalho de criação de núcleos de fraternidade universal, além de raças, credos, sexos, nacionalidade ou condição social; e, por outro lado, ele vai ouvir dizer que "não há religião superior à verdade". Lerá "A Luz da Ásia", do inglês Edwin Arnold, e, acima de tudo, o Bhagavad Gita, tratado filosófico abrangente no qual encontrará o guia de que precisa, e sobre o qual mais tarde escreverá a sua própria versão. Esta formação faz com que veja o valor das tradições indostânicas e que reconheça que nasceu numa cultura espiritual multimilenar, que é a mãe de todas as religiões ocidentais (expressas nas línguas indo-europeias). Nessa cultura não há a palavra filosofia ou o amor à sabedoria, por isso, muitos estudiosos acreditam que não há filosofia na Índia. Mas não é o que acontece, a filosofia expressa-se no conceito "darsana" que significa "ponto de vista". Os tratados filosóficos são chamados de Upanishads, que normalmente estariam integrados nos Vedas. Existem seis darsanas ligadas aos Vedas ou ortodoxas, e há outras independentes dos Vedas, as heterodoxas, como o budismo. No Bhagavad Gita são expressas principalmente duas darsanas: o Sankhya e o Yoga. É, acima de tudo, o yoga que se desenvolve nos seus quatro níveis de: Karma yoga ou yoga da ação, Bakthi yoga ou yoga da devoção, Gnani yoga ou yoga do conhecimento e Raja yoga ou yoga da libertação. Há cinco virtudes que são a base ética desse caminho de realização espiritual, essencial em todos os níveis:

1. Ahimsa, que significa "nenhum dano".
2. Satya, que significa "veracidade".
3. Brahmacarya, que significa "continência no pensamento, palavra e trabalho".
4. Asteya, que significa "não roubar".
5. Aparigraha, que significa "nenhuma apropriação".

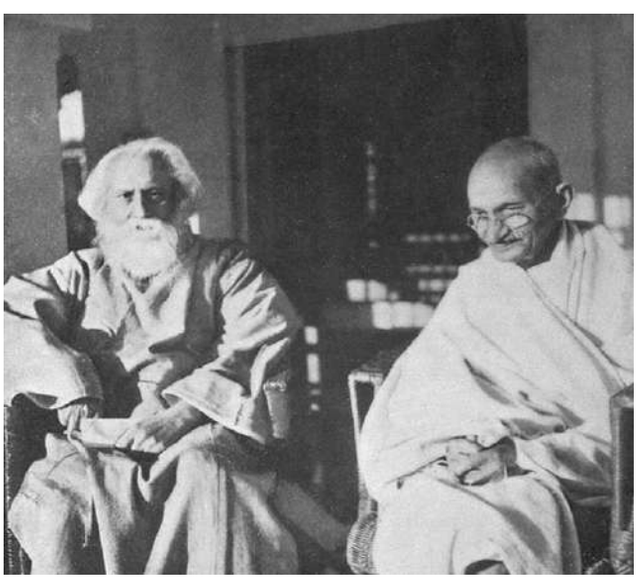
Gandhi foi incorporando gradualmente essas virtudes na sua vida e tornou-se num modelo público, num iogue popular.

Gandhi e a sua esposa Kasturbai, 1902. *Domínio Público*

Em 1891, quando voltou da Inglaterra e começou a praticar advocacia, a sua escolha foi ajudar os tribunais a conhecerem a verdade em cada caso. Havia clientes que tinham dois advogados, um para dizer a verdade ou não mentir, e outro para escondê-la e mentir. Por isso, o seu futuro como advogado não estava claro. Em 1893, foi para a África do Sul como representante dos interesses de uma empresa indiana, onde descobriu, abruptamente, o tratamento que dava "a raça superior" aos seus compatriotas. Quanto a ele, foi expulso a pontapé dum comboio por ousar viajar em primeira classe, tinha que sair da calçada quando se cruzava com um branco, e deram-lhe um documento de identidade com dez dígitos, exatamente como os criminosos. Então, começou a praticar a não colaboração e a desobediência civil, queimando publicamente o documento de identidade; o que seria chamado pelos seus comentaristas mais tarde, de "não-violência" ou resistência passiva; o que não é exato seria mais correto referir "nenhum dano". "A violência é inevitável quando estás vivo, tens corpo, e ocupas um lugar no mundo, da gestação à morte, há sempre algo ou muita violência." Por outro lado, essa atividade não é passiva, é uma atividade moral, uma luta ética que usa a força da alma e não a do corpo. O objetivo é não magoar o outro, mesmo que ele to faça; a força da alma manifesta-se na capacidade de sofrer... Poder-se-á chamar-lhe amor? Ao mesmo tempo, concebem o

termo "satyagraha", que traduzimos por "manter a verdade". Assim, o amor e a verdade são os dois pés sobre os quais caminha na ação social, na sua luta pela dignidade dos seus compatriotas.

Concebe uma quinta, comunidade ou asram, onde admite uma família de intocáveis (os sem casta ou párias), e todo o trabalho é feito em comum, incluindo a limpeza das latrinas. Isso causa-lhe problemas com os seus colaboradores mais próximos e ele responde-lhes: "Não trateis ninguém como os ingleses nos tratam." Em 1906, aos 34 anos, ele pronunciou o voto brahmacarin. Nunca mais terá relações sexuais com ninguém. Faz os dois primeiros jejuns de uma e duas semanas pela má conduta cometida na quinta. Não pune o culpado, mas responsabiliza-se pela sua culpa e expiação. Em 1907, renuncia à sua profissão e entrega todos os seus bens.



Rabindranath Tagore e Gandhi, 1940. *Domínio Público*

Quando regressa à Índia em 1915, Tagore chamou-o de Mahatma ou grande alma, que é o título dado aos grandes mestres espirituais. Este não aceita esta designação mas concede que o chamem de Bapu ou pai. Para greves pacíficas ou atos de não colaboração com as autoridades, irá registar o conceito de satyagraha, uma vez que não são períodos de inatividade, mas dias de jejum e oração. Começa a propagar o artesanato em todo os sentidos e usa como símbolo a roda para fiar tecidos manuais, chamados khadi. Lança uma campanha contra os tecidos ingleses produzidos em Manchester, como uma das formas de não colaboração que culmina anos depois com a queima de tecidos ingleses e estrangeiros em geral.

Por essa altura, ele abandonou completamente o traje ocidental e veste-se com um dhoti como roupa inferior, e com um khadi como uma peça de vestuário superior. Viaja pela Índia e assume que a chave para a vida do seu país não está nas cidades, mas nas mais de quinhentas mil aldeias onde a maioria da população vive na pobreza e abandono, e coloca-se na vanguarda desse modo de vida, decretando que a solução para essa população é o artesanato local. A partir daí deixa de ser um cidadão do Império Britânico e decide que o domínio inglês sobre a Índia não é um bem, mas um mal. Considerado um perigo para a Coroa, é condenado a seis anos de prisão, o que não é novidade para ele, já que havia sido detido algumas vezes. Cumpre mais de dois anos e aproveita para fiar na roda e escrever "A História das Minhas Experiências com a Verdade", que mais tarde se chamaria "Autobiografia".

Organiza a segunda batalha da sua luta não violenta, que é a desobediência civil. O acto mais representativo e simbólico desta etapa é a "marcha do sal", contra a lei que proíbe a sua produção e os impostos sobre este. Percorreu mais de 400 quilómetros até chegar ao mar, através de centenas de aldeias e explicando ao povo as razões para esta marcha... que o condenou a mais seis meses de prisão em 1930. Em 1931 viajou para Londres e disse às autoridades britânicas para deixarem a Índia. Entre 1934 e 1936 sofreu vários atentados, alguns com bomba, para o assassinarem, mas continuou as suas viagens e comícios para educar o povo. Vai sendo deixado sozinho diante da violência e realiza jejuns atá à sua morte. Em 1947 ocorre a independência da Índia, com a rutura do país. Não considera que a Índia foi libertada, mas que mudou de donos. Em 1948, é assassinado por um fanático brâmane.

A Marcha do Sal, 1930. *Domínio Público*

O legado de Gandhi

É um asceta ou iogue que vai da ética individual à coletiva. Não intervém na política, mas sim em melhorar o destino do seu país. Ensina quais são as armas para lutar pela verdade-justiça, e que são armas que não prejudicam. É um exemplo e um modelo para o nosso presente e para o nosso futuro imediato, já que as armas nocivas são um beco sem saída. Ensinou uma única religião: a verdade, e que só há um povo: a humanidade.

Assinatura de Gandhi. *Domínio Público*

Meditação. *Pixabay*

Joias Upanishads (II)

O Chandogya Upanishad

Por Francisco Sánchez

Nesta voz, funda-se a tripla ciência védica: em sua honra e em virtude da sua grandeza e das suas qualidades. O OM é a voz, a palavra pronunciada e o Canto elevado. Tanto aquele que o sabe quanto aquele que o ignora se movem por ela, embora a sabedoria derive da ignorância. De facto, só é eficaz o rito que se realiza com fé, conhecimento e certeza relativamente às suas correspondências ocultas.

*

Quanto ao divino, convém considerar-se que o sol lá de cima, cujo calor nos abençoa, também é o Canto elevado. Quando se eleva canta para as criaturas, dissipando a escuridão e o medo. Quem o sabe está livre de medos e de sombras. O alento vital aqui de baixo e o sol lá de cima são uma e a mesma coisa. Se este é quente, então aquele também o é. Acredita-se que aquele é reflexo deste; por isto é que se veneram ambos, o superior e o inferior, como Canto elevado.

*

OM, uma sílaba retumbante e imortal. Penetrando nela, os deuses evitaram os seus medos. Quem a pronuncia, conscientemente e sem medo,

compartilha a imortalidade com os deuses que nela habitam.

*

O Canto elevado (*udgitha*) é o OM e o OM é o Canto elevado. O Sol no seu zénite é a sílaba sagrada, que soa quando este se move.

*

O verso é a terra e o canto é o fogo. O canto repousa no verso e, a partir dele, levanta voo.

*

Para onde vai o mundo? Vai para o espaço. Todos os seres vêm do espaço e a ele hão-de retornar. O espaço foi o primeiro e nele tudo se há-de dissolver. Tal é o Canto elevado, sem limite e sem fim. Quem concebe o Canto elevado como espaço infinito obtém o bem supremo e mais precioso, e este, por sua vez, transforma-se no mais sublime e no mais valoroso.

*

Quem sabe ouvir o canto nas águas não morre, mas encontra a abundância.

Prajapati. *Creative Commons*

Prajapati meditou sobre os mundos, reteve-os na sua mente e dela fez derivar o triplo saber. Pensou no triplo Veda e, desse pensamento, obteve três sílabas: *bhur*, *bhuvas* e *svar*. Meditou sobre cada uma delas e, tendo-as gravado na sua mente, delas emergiu a sílaba OM. Tal como as folhas unidas por uma agulha, assim se encontram todas as palavras no OM. De facto, todo o mundo não é senão o OM.

*

OM. O Sol no alto é o mel dos deuses. O ar é a colmeia e o firmamento o lugar onde está suspenso. Os lampejos de luz são as larvas das abelhas. Os raios projectados para Este são as células orientais da colmeia. Os versos do Rigveda são as abelhas que produzem o mel. O Rigveda é a flor e a água imortal.

*

Os raios que o sol projecta para o alto são as células superiores. Os ensinamentos secretos são as abelhas, Brahman é a flor e a água imortal.

*

Na realidade, os deuses não comem nem bebem, mas saciam-se através da mera contemplação da ambrósia. Penetram nessa qualidade avermelhada e dela emergem.

*

Toda a criação, tudo aquilo que veio a ser, é a oração Gayatri. O próprio discurso é essa mesma oração, porque canta e protege todas as coisas. Ora bem, esta oração é a terra que pisamos, uma vez que toda a criação repousa sobre a terra e não se estende para além dos seus limites. E esta terra é o mesmo que o corpo da pessoa, cujo interior abriga as funções vitais e nunca se estende para além dos seus limites. E o corpo da pessoa, aqui presente, é o mesmo que o coração, uma vez que estas funções vitais repousam no interior do coração e nunca se estendem para além dos seus limites.

*

Pensa sobre aquilo a que as pessoas chamam de Brahman: na verdade, não é mais do que o espaço exterior à pessoa. E este espaço fora é o mesmo que existe no interior de cada um. E este espaço que

existe no interior de cada um é o mesmo que o espaço interior do coração. Está cheio e não se esgota. Quem compreender isto desfruta de uma bem-aventurança plena e inesgotável.

*

A luz que brilha no mais alto céu, em todas as partes e sobre todas as coisas, é a mesma que brilha no interior da pessoa. Vemo-la, quando, ao tocar o corpo, sentimos o seu calor interno. Ouvimo-la, quando, ao taparmos os ouvidos, ouvimos um zumbido ou um fogo ardente. Deve-se cultivar a visão e a audição desta luz interior, que gera a fama e a beleza.

*

Na verdade, Brahman é todo este mundo, fá-lo surgir, sustém-no e dissolve-o. É conveniente meditar sobre ele, mantendo-se a tranquilidade interior.

*

Uma pessoa é a sua determinação. Não restam dúvidas de que a natureza humana é feita de intenções. Dessa vontade dependerá aquilo em que se converterá depois da morte.

*

Este meu atman, que jaz no fundo do coração, contém todas as acções dos seres, todos os desejos, todos os gostos e cheiros; compreendeu todo este mundo, mas não fala nem presta atenção. Este meu atman é Brahman. Quando eu deixar esta vida, tornar-me-ei nisso. Quem cultiva tais pensamentos não é assaltado pelas dúvidas.

*

Austeridade, generosidade, integridade, ausência de violência e veracidade: tais são os dons do sacrifício.

*

O conhecimento conduz com segurança até à meta apenas quando é recebido de um mestre.

*

Ritual. *Pixabay*

A alegria é o mesmo que o espaço e o espaço é o mesmo que a alegria.

*

O sacrifício é o vento que purifica o mundo. Movendo-se, o vento limpa os mundos. E uma vez que purifica o mundo enquanto se move, é associado ao sacrifício. A sua direcção é a mente e a palavra.

*

Aquele que conhece o melhor e o maior, converte-se no melhor e no maior. O melhor e maior é o alento vital.

Aquele que conhece o excelentíssimo, converte-se no excelentíssimo entre os seus. O excelentíssimo é o discurso.

Aquele que conhece o que é firme, estabelece-se firmemente neste mundo e naquele que está mais além. A base da firmeza é a visão.

Aquele que conhece as correspondências que existem entre as coisas, cumpre os seus desejos, tanto divinos quanto humanos. A correspondência é o ouvido.

Quem, na verdade, conhece a natureza da protecção, converte-se em refúgio para o seu povo. O melhor dos refúgios é a mente.

*

O homem também é fogo. O combustível é o discurso, o fumo é o seu alento, a sua chama é a língua, as suas brasas são a visão e as suas fagulhas são a audição. É neste fogo que os deuses oferecem alimento, e desta oferenda surge o sémen.

*

Fogo. *Creative Commons*

As abelhas fabricam o mel sugando a substância em diferentes plantas. Quando a convertem em néctar já não é possível conhecer a sua origem: não se pode dizer "esta substância é daquela planta". Da mesma forma, meu filho, todas as criaturas do mundo, embora estando fundidas na Unidade, ignoram-no. O tigre e o leão, o lobo e o javali, o verme e a borboleta, a mosca e o mosquito, todos se fundem nessa essência subtil que é aquela de todas as coisas, a única verdade. Isso é atman, e isso és tu.

*

Compreende bem isto: quando a vida o abandona, o corpo morre, mas a vida em si mesma não morre. É a essência subtil de todas as coisas, a única verdade. Isso é o atman, e isso és tu.

*

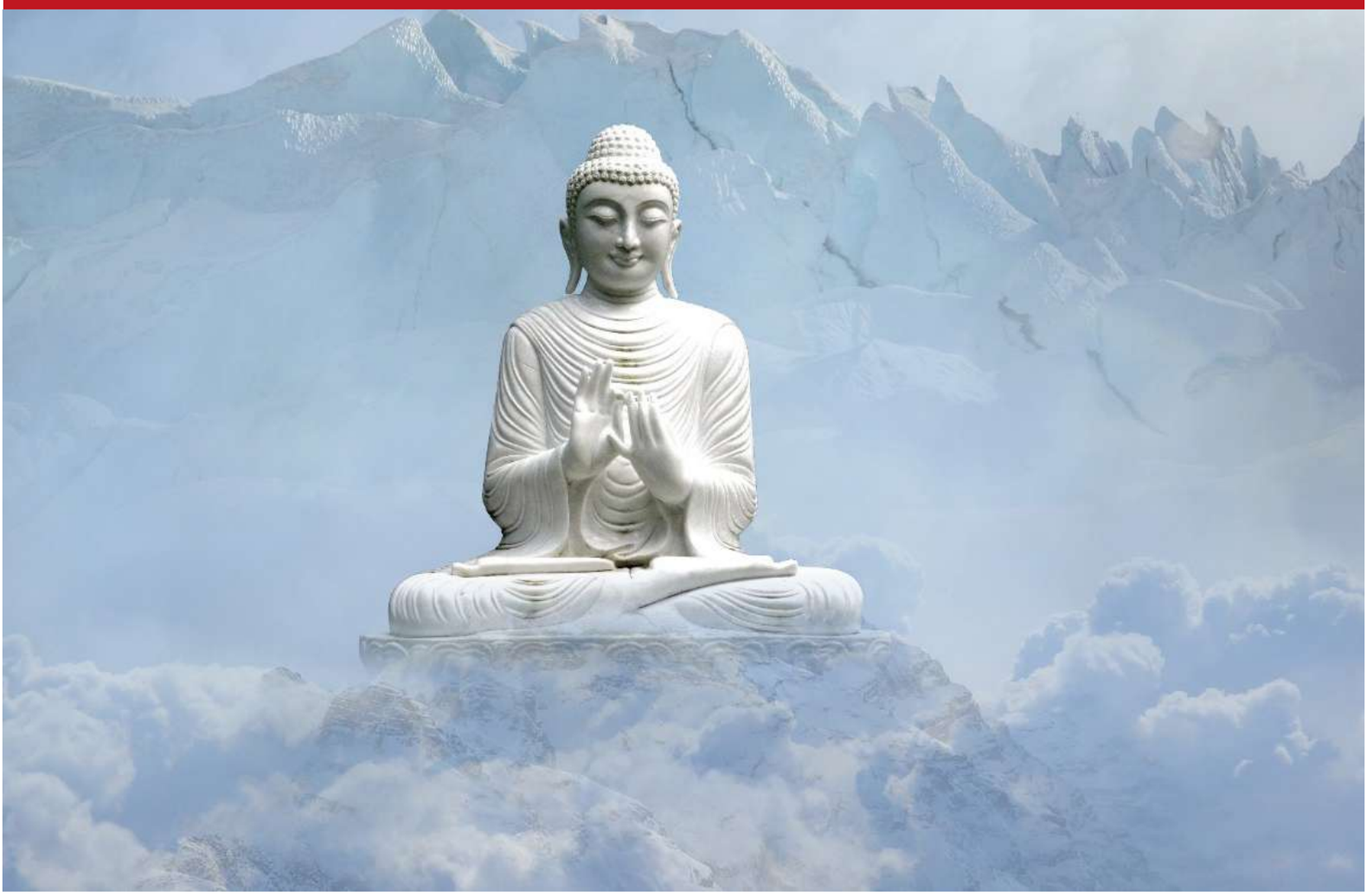
A meditação (*dhyana*) é superior ao pensamento. Pois a terra parece meditar, a região intermédia parece meditar, o céu e as montanhas parecem meditar, os deuses e os homens meditam. Daí que os homens eminentes considerem os benefícios do recolhimento e obtenham os frutos da meditação.

*

Quando se obtém a satisfação e o bem-estar, age-se. Sem essa satisfação não se age; só se age se a bem-aventurança for obtida. Por isso, se queres compreender, deverás cultivar a bem-aventurança. Ora, a bem-aventurança não é senão a plenitude. Na escassez não há felicidade, ao contrário do que ocorre na plenitude. Portanto, se queres compreender deverás cultivar o pleno. (...) A plenitude está em cima, em baixo, está a norte e a sul, a levante e a poente. Na verdade, a plenitude estende-se por todo este mundo.

*

O atman é uma ponte entre dois mundos, bem como a linha que os separa. Esta ponte não é cruzada pelo dia e pela noite, pela juventude e pela velhice, pela doença e pela morte, pelo vício e pela virtude; ele abre caminho através do mal, do qual Brahman está livre. Por isto, depois de a ter atravessado, o cego vê, o doente cura-se, o afligido esquece a sua aflição. Para quem o cruza, a noite parece dia, pois Brahman brilha sempre. O seu mundo pertence a quem cultiva a ciência sagrada e, instalado em Brahman, viaja livremente por todos os mundos.



Buda. *Pixabay*

Comentário ao capítulo VI do Dhammapada: Panditavagga, O Sábio.

Por Hélio de Orvalho

"Se alguém encontrar um homem que aponta as falhas e as reprova, que pessoa tão sábia e sagaz seja seguida como um guia para o tesouro escondido. Cultivar tal associação é sempre melhor e nunca pior. Deixai-o alertar, instruir e proteger alguém do que é errado, ele na verdade é querido para os bons e detestável para os maus. Não te associes com más companhias; não procures o que é vil. Associa-te com os bons amigos, procura a companhia de homens nobres."

(Versos 76 a 78)

Desde que nascemos, começamos um percurso existencial durante o qual nos ensinam tudo aquilo que sabemos. Alguém nos ensinou quais alimentos nos fazem bem e quais os que nos fazem mal; alguém nos ensinou a andar e nos levantou quando caímos; alguém nos ensinou a falar e nos corrigiu quando erramos; alguém nos ensinou a ler e a utilizar ferramentas, a pedir por favor e a pedir desculpa, a nadar e a andar de bicicleta, a acender um fogo e a ligar o fogão; alguém nos ensinou que o fogo cozinha os alimentos e que o frigorífico os

conserva; ensinaram-nos a evitar o que nos pode ferir ou adoecer, e como curar quando nos ferimos ou adoecemos.

Tomando consciência do quanto devemos aos outros, àqueles que sabiam e nos ensinaram quando nós não sabíamos, àqueles que nos transmitiram o que hoje sabemos, despertamos naturalmente uma infinita gratidão por termos nascido no seio de uma família humana, ainda que pouco a reconheçamos.

Para todas aquelas coisas existe quem as sabe e quem as aprende. É a realidade mais natural da existência. No entanto, nem sempre o vemos assim. Por vezes, há resistência em admitir que talvez haja quem saiba mais e, portanto, nos possa ensinar acerca da compreensão dos fenómenos da natureza, das normas da cortesia, dos valores da ética, do sentido da vida, das realidades misteriosas do universo e do ser humano. Em muitas destas questões todos somos, ainda, como crianças que ignoram aquilo que os sábios – os adultos – já aprenderam.

É inevitável – a não ser que nos isolemos do mundo numa improfícua solidão – estarmos na companhia de outros seres humanos. Esta companhia cria vínculos, relações, alianças, partilha, influência e aprendizagem recíprocas. De acordo com a qualidade e sabedoria das nossas companhias, serão melhores ou piores os vínculos, influências e aprendizagens resultantes.

A companhia de pessoas sensatas, íntegras, boas, generosas, cultas, inspirar-nos-ão a ser também sensatos, íntegros, bons, generosos e cultos.

Quando encontramos um sábio, ou reconhecemos um mestre, são uma bênção todas as palavras deles que nos ajudem a corrigir-nos, a melhorarmos, a aprendermos, a avançarmos no caminho do aperfeiçoamento.

Por outro lado, isso não significa que todas as pessoas que nos repreendam sejam sábias. Existe no mundo demasiada incompreensão, intolerância, vaidade e arrogância para que consideremos como válida toda e qualquer observação que possam fazer a nosso respeito. A proximidade de pessoas que nos tentam corrigir para que, desse modo, possam sentir-se superiores, ou para rebaixar-nos, com um sentido corrosivo da crítica, essa proximidade é pouco saudável ao nosso desenvolvimento. No entanto, quando nos alertam, nos corrigem e nos aconselham por amor, para nos elevar, com um sentido cortês de incentivo à aprendizagem – o qual é o papel natural dos sábios e dos mestres – nesse caso devemos agradecer todos esses tesouros, pois é aí que está a nossa possibilidade de progresso.

Jovens budistas. *Pixabay*

Podemos perguntar-nos, então, como reconhecer um sábio?

> *"Os construtores de canais regulam os rios; os arqueiros endireitam o eixo das flechas; os carpinteiros dão forma à madeira; os sábios controlam-se a si próprios."*
>
> *(verso 80)*

A vida de um sábio desenvolve-se como uma arte, com a excelência própria de um grande artista. Cada palavra, cada gesto, cada decisão, são acompanhados de um preciso controlo, semelhante, no pintor, ao delicado movimento do pincel, ou da exata cinzelada do escultor. Um enorme sentido de presença, uma plena atenção a cada movimento do seu ser, um profundo sentimento de bondade, uma justeza imponderável de intenções, são os valores intrínsecos à vida do sábio.

Em muitas artes se pode adquirir semelhante mestria. Os rios, regulados pelos construtores de

canais, simbolizam as vias de ação do sábio, que utiliza a sua energia para fazer com que a corrente da vida fertilize os campos de todas as consciências e se dirija no seu correto sentido, para a foz que desagua no oceano da sabedoria. As flechas, endireitadas pelos arqueiros, simbolizam cada um dos seus pensamentos, numa mente treinada em acuidade, percepção, foco e sensibilidade, de modo a manter-se seguro nas suas intenções, certeiro nas suas decisões, e penetrante na sua compreensão. Fazendo retroceder a corda do arco da sua introspeção, apontando ao alvo transcendente das suas metas, o sábio atinge o próprio centro da vida e do universo com cada pensamento e ação. A madeira, talhada pelos carpinteiros, simboliza a personalidade do sábio, que constantemente se trabalha a si próprio fazendo sobressair o polimento da sua conduta e o brilho das suas virtudes.

Corrente. *Pixabay*

> *"Assim como uma rocha sólida não é abalada pela tempestade, da mesma forma o sábio não se deixa afectar por louvor ou culpa. Aquele que é bom renuncia a tudo. O virtuoso não faz conversa vã sobre desejos de prazeres. Os sábios não mostram euforia ou depressão quando tocados pela felicidade ou tristeza."*
>
> *(versos 81 e 83)*

O caminho da sabedoria deverá ser aquele que nos torna melhores, é certo, mas também aquele que nos torna mais fortes. Não há bondade que resista, sem fortaleza interior, às forças adversas à nobreza de espírito que imperam no nosso mundo. Muitos são os que se consideram virtuosos e respeitáveis – como afirmou H.P. Blavatsky – apenas porque não foram submetidos à prova. É fácil julgar os políticos e a sua corrupção, quando ainda não se experimentou o poder. É fácil imaginar o bem que faríamos aos outros se tivéssemos muito dinheiro, apenas porque talvez nunca o teremos. Não é difícil imaginar que suportaríamos a tentação do poder, do dinheiro ou do estatuto, que manteríamos a integridade em qualquer circunstância, apenas porque não estivemos expostos a elas. E também é fácil, por uma ligeira tristeza, por uma pequena derrota, por uma sombra passageira, por um simples desaire, deixarmo-nos cair em desânimo, desfazer a confiança em si mesmo, perder o entusiasmo de progresso, desistir de um caminho espiritual. É difícil e exige um esforço constante para manter o ritmo dos nossos passos, uma vigilância permanente às nossas intenções e desejos, um renovado impulso interior para o triunfo sobre nós mesmos, uma elevação ininterrupta da consciência para vislumbrar o caminho correto.

O sábio é aquele que conquistou o seu centro, o seu ponto de apoio fixo e inamovível perante qualquer circunstância. Assim será reconhecido por quem o procurar. Na adversidade, é aquele que mantém o discernimento do recto pensamento e a coragem da recta ação. Perante o triunfo é aquele que mantém a humildade. É aquele que fica impassível perante o elogio. Nem o prazer nem a dor o perturbam ou desviam de cumprir o que considera ser o seu dever. Recebe as alegrias da vida sem se deixar cair em excessos, acolhe as tristezas sem ceder ao chamamento do abismo.

> *"Ao abandonar o caminho escuro, que o homem sábio cultive o caminho brilhante. Tendo saído de casa para a mendicidade, possa ansiar pelo deleite no desapego, tão difícil de apreciar. Deixando os prazeres sensuais, sem apego, que o homem sábio se limpe das impurezas da mente."*
>
> *(versos 87 e 88)*

Existem dois mundos claramente distintos, cuja mistura é desfavorável à completa vivência da vida espiritual própria do sábio. O mundo escuro é o

mundo que tem os seus princípios e a sua finalidade na matéria, caverna de sombras enganosas onde os desejos são reis, onde não tem fim a ambição de obter, de ter mais, de enriquecer, de acumular, tornando cada vez mais espessos os véus que recobrem a dimensão luminosa da existência. O mundo da luz, aquele onde o sábio estabelece o seu "caminho brilhante", é o reino do dar, da generosidade, da abnegação, do serviço. É o mundo onde o continuado desprendimento vai fazendo cair as camadas que impedem a saída da luz, gerando uma nova dimensão do prazer, um novo tipo de posses, o encontro com a verdadeira riqueza: os tesouros espirituais da virtude.

Daí que o Buda tenha deixado o seu palácio, abdicado do seu trono, abandonado (em perfeita segurança) a sua belíssima esposa e o seu amado filho, para se dedicar a um caminho de luz que irrompeu o céu do espírito humano e beneficiou todos os seres ao longo dos séculos. Foi necessário deixar para trás aquilo que faria Siddhartha ser reconhecido como grande à luz dos valores da sua época, como bom rei, como bom marido e bom pai, para se tornar o Buda, o excelso guia das consciências em todas as épocas, o esplendoroso mestre da humanidade. Foi preciso tornar-se mendigo no mundo material, queimando a sua personalidade no fogo da disciplina e do autodomínio, para obter a plenitude das riquezas interiores que formaram o seu glorioso corpo espiritual e eterno.

Buda. *Pixabay*

> *"Aquele que segue profundamente o Dhamma vive feliz com uma mente tranquila. O homem sábio sempre se deleita no Dhamma dado a conhecer pelo Nobre Senhor (o Buddha). Ao ouvir o Ensinamento, os sábios tornam-se naturalmente purificados, tal como um lago profundo, claro e sereno."*
>
> *(verso 79 e 82)*

A palavra "feliz" tem, na sua raiz latina, *felix*, *felīcis*, associado o conceito de fértil e fertilidade. Há felicidade quando os campos estão férteis, quando as árvores dão frutos, quando nasce um filho, quando a vida avança e se desenvolve. A vida do sábio já não tem o seu centro no crescimento das sensações corporais, nem na geração de voláteis emoções, nem no alimento de vãos pensamentos. A sua felicidade não está no mundo nem em nada que dele advenha. O sábio obtém a sua felicidade no contacto com a Sabedoria, com a Lei (Dhamma), e na vida que advém desse mundo Ideal e Divino, que é a sua própria Alma desperta.

Nessa união com o Dhamma, a alma do Sábio frutifica em virtudes, em discernimento, clareza de visão, bondade, beleza interior, sentido de justiça. Quanta felicidade deve sentir uma alma assim!

> *"Poucos entre os homens são aqueles que atravessam para a outra margem. O resto, a maior parte, apenas corre para cima e para baixo na margem de cá. Mas aqueles que agem de acordo com o Dhamma perfeitamente instruídos, atravessarão o reino da morte, tão difícil de atravessar."*
>
> *(versos 85 e 86)*

Tal como é afirmado no livro A Voz do Silêncio, de H.P. Blavatsky, "*Ai de nós, ai de nós, que todos os homens possuam Alaya*[1], *sejam unos com a grande Alma, e que, possuindo-a, Alaya de tão pouco lhes*

1 Alaya, a Alma Universal ou Atman de que cada homem tem um raio em si, e com que se supõe que é capaz de se identificar e se fundir.

sirva! Repara como, qual a lua se reflete nas ondas tranquilas, Alaya é refletida pelos pequenos e pelos grandes, espelhado nos átomos ínfimos, e contudo não consegue chegar ao coração de todos. Ai de nós, que tão poucos sejam os homens que se aproveitem do dom, do dom sem preço, de aprender a verdade, a verdadeira percepção das coisas existentes, o conhecimento do não-existente!"[2]

A outra margem está ao nosso alcance, brilha por detrás dos nossos mais elevados pensamentos, irradia constantemente a partir do centro do nosso coração. Esta é a grande esperança, esta é a magnífica possibilidade, a maravilhosa promessa da via da Sabedoria, que palpita na vida do Sábio. O Dhamma é o caminho, é a luz que o mostra, é a Compreensão em si mesma, é o conhecimento do coração, é a escada de ouro, é o elixir da vida eterna. Sem o Dhamma, afastados dele, deambulamos pelo "reino da morte", ou seja, pelo que nasce e morre, pelo que é mastigado sem cessar pelas mandíbulas do tempo, pelo que cai constantemente no abismo do esquecimento, marionetas do Karma, dos caprichos do Destino, avançando sem luz pelas cavernas da ignorância e do sofrimento sem sentido.

Grande esperança. *Pixabay*

A barca para a travessia devemos construí-la com as nossas ações caridosas, com a pureza do coração, com a rejeição do que é falso e a aceitação do que é verdadeiro, com a prelação sobre o que é eterno e abdicação do que é transitório, com a reflexão profunda da luz da alma no oceano sagrado da sabedoria.

Ainda assim, com tão grande e necessário esforço, com tamanha dificuldade, com tão enorme trabalho que durará eras em concluir, ainda assim, não há outro caminho, não outra saída deste mundo de injustiça e escuridão, não outro porto onde atracar na outra margem. Daí que, por pequenos que sejam os nossos esforços, por simples que sejam os nossos gestos de bondade, por mais distantes da verdade pura que estejam as nossas reflexões, ainda assim, todos valem a pena, pois não é um ser humano aquele que progride, mas sim a humanidade inteira com cada passo que individualmente damos no caminho do Dhamma.

> *"Aqueles cujas mentes atingiram a excelência total nos Sete Factores de Iluminação*[3]*, que, tendo renunciado à ganância se alegram no desapego – livres de obstáculos, brilhando com sabedoria, alcançam o Nibbāna nesta mesma vida."*
>
> *(verso 89)*

Nota: A edição do Dhammapada utilizada para este Comentário é a das Publicações Mosteiro Budista Theravada, na tradução portuguesa de Bhikkhu Dhammiko. 2013

2 Da tradução de Fernando Pessoa, 1916

3 Os Sete Fatores da Iluminação são os seguintes: (1) Atenção, cuidado ou autocontrole; (2) Sabedoria ou investigação da Doutrina (Dhamma); (3) Energia; (4) Contentamento ou êxtase; (5) Serenidade; (6) Concentração, isto é, uma consciência firmemente estável (Samadhi); e (7) Equanimidade.

Ganesha com seus consortes Riddhi e Siddhi. Pintura chamada Riddhi Siddhi, de Raja Ravi Varma. *Domínio Público*

Lista de Siddhis, ou Poderes Mágicos

Extraido do livro "O Sonho de Ravana", Anónimo.

Marica era um sábio asceta que habitava num eremitério de uma das florestas do Sul, e que dividia o seu tempo entre as três grandes buscas da sabedoria transcendental hindu. A primeira, à qual podemos chamar sinteticamente de auto-conquista, divide-se em três ramos: TYAGA, ou renuncia ao mundo e abandono de todas as coisas que dele fazem parte; VAIRAGYA ou aquisição da indiferença frígida e da ação desinteressada através do silenciamento de todas as paixões e desejos; TAPAS ou auto-mortificação através do esforço continuado e de dolorosas penitências.

A segunda, a contemplação, consiste igualmente em três estádios; YOGA ou a reunião do espírito disperso através do auto-domínio, afastando-o das janelas dos sentidos que dão para o mundo espiritual, que é o resultado da prolongada auto-concentração; e DHYANA, a gnose, o conhecimento intuitivo ou clarividência, que é a condição original do espírito, cuja restauração é fruto da disciplina precedente.

A terceira, SIDDHI, ou poder taumatúrgico é geralmente constituída por oito ramos, mas as suas diferentes enumerações, mesmo que omitindo as puramente mentais – tais como a satisfação da mente, a libertação dos desejos, a libertação do sofrimento etc., assim como os físicos que são negativos, tais como a cessação da doença, da dor, do calor, do frio, da influência dos elementos etc. – aumentam os poderes taumatúrgicos pelo menos até ao número de treze, como veremos de seguida:

Auto-nutrição: Ou poder da instantânea e espontânea evolução dos fluidos vitais, gerando a nutrição, bem como uma vida saudável, sem o uso de nutrimento externo.

Repouso: É o poder de repousar em qualquer lugar, tempo e sob todas as circunstâncias.

Equilíbrio: O poder de experimentação de uma condição e existência de tranquila estabilidade sob todas as circunstâncias.

Equilíbrio. *Pixabay*

Pequenez: Ou o poder de redução do ser ao tamanho de um átomo; assim como o de se tornar invisível e penetrar nos objetos sólidos.

Magnitude: Ou o poder da auto-extensão ilimitada, assim como a capacidade de tocar com os dedos a lua e as estrelas

Leveza: Ou o poder do despojamento de toda a gravidade, tal como caminhar pelas águas e subir às nuvens.

Gravidade: Ou o poder de aumentar o peso infinitamente, assim como o de se tornar inamovível face a qualquer poder de tração.

Rapidez: Ou o poder de estar em qualquer lugar num instante, através da vontade.

Aquisição: Ou o poder de obter tudo o que se deseja.

Metamorfose: Ou o poder de assumir qualquer forma que se queira.

Sujeição: Ou o poder de manejar e manter sob controlo a vontade dos outros.

Decreto: Ou a vontade invencível.

Autoridade: Ou a supremacia e a radiação luminosa dos seres celestes.

Roda do Dharma, Templo de Konark. *Creative Commons*

Reencarnação e Concepções Budistas (III)

Buddhismo e Budhismo qual é a diferença?

Por Juan Martín Carpio

Publicado na revista Seraphis em 28 de Maio de 2020

... Tudo o que foi exposto anteriormente demostra sem dúvida que o que chamamos de "eu" pessoal nada mais é do que uma ilusão, ou seja, transitório e dependente.

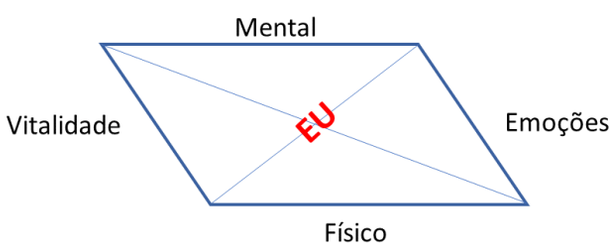
- Mas escute, você pensa que o meu eu é ilusório, toque-me se quiser, veja, sou uma sombra ou uma miragem? Atravesse a rua sem olhar, vamos ver se o autocarro que o atropela é ilusório!

- Não se zangue, você tem razão. Este é um mal-entendido frequente; de um lado encontramos os negadores deste mundo e a sua realidade, e do outro os materialistas e racionalistas que afirmam que este mundo é a única realidade. Na verdade, toneladas de papel foram escritas com afirmações e negações sobre isso. E creio que a verdade, como já indiquei, é dupla. Certamente o eu pessoal é ilusório e transitório em relação à eternidade, mas real "neste momento" e se atravessar a rua sem olhar a sua personalidade ilusória irá chocar com o autocarro ilusório e vai fazer-se em pedaços ilusórios, terminando com a sua existência neste mundo ilusório e despedindo-se dos seus amigos e familiares ilusórios.

- Vamos ver se eu o entendo então. O nosso **eu é uma realidade condicionada, transitória**, como o tempo que dura um jogo numa daquelas máquinas de bar.

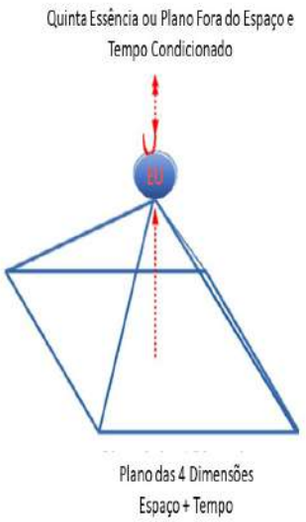
- Correto. É o jogo que ele jogou, o papel que tem que representa nesta obra do mundo. É impermanente, mas o resultado do jogo é verdadeiro, e a dor e a experiência adquiridas são verdadeiras.

- Experiência para quê ou para quem?



- Deixe-me explicar-lhe algo. Imagine por um momento que esse eu pessoal, além de depender e estar em relação com aspetos materiais da personalidade (lembre-se, corpo físico, vitalidade, emoções e mente?), também **está relacionado com algo pertencente a um plano superior.**

- Já o vejo, ligado por cima a algo externo a este plano de ilusão.



- Exatamente, então esse eu tem algo a "segurá-lo". Se, por exemplo, quebrássemos ou modificássemos um desses lados do quadrado da personalidade, ou recebêssemos um ataque traumático de vida, essa pirâmide provavelmente oscilaria de um lado para o outro, e talvez se deformasse e até pudesse desaparecer um de seus lados na base.

-Já vejo para onde vai... mas apesar desse acidente, o eu ainda estaria ancorado em algo que está acima e fora do plano ilusório da personalidade.

- Isso mesmo, persistiria indefeso e existindo sem dependências.

- Bom, mas isso não tem nada a ver com o que o budismo tibetano ensina, ou seja, a não existência de nenhum ser ou entidade além do plano da matéria, que também inclui o mental. Ou seja, o budismo tradicional defende o mesmo que a ciência materialista.

- Certamente, esta é uma confusão frequente. Geralmente pensa-se que o budismo tibetano hoje é muito espiritual, e embora eu não vá discutir isso neste momento, a libertação nirvânica que promete é equivalente à aniquilação. Essa seita

budista propaga a doutrina conhecida como "**sunyatta**", ou seja, o vazio, o que significa que por trás de todos os fenómenos que percebemos neste mundo, incluindo os mentais e invisíveis, **existem apenas transformações dependentes e evolutivas**. Não há nenhuma base que o sustente, não há nenhum elemento separado, de facto, nenhum elemento fixo. É por isso se chama doutrina do "vazio", por isso **defende exatamente o mesmo que as doutrinas materialistas científicas**.

- Então onde está a diferença?

- A única coisa que faz a diferença é uma atitude compreensiva em relação à dor humana, o seu humanismo materialista que o faz trabalhar à sua maneira pela libertação do sofrimento humano. Mas isso também existe em muitos humanistas científicos e materialistas, que também entendem que a única realidade é a dor, e que pelo meio da ciência e das revoluções económicas e materiais essa dor pode ser aliviada, mas não implica a crença em algo além do que que o assunto oferece.

Deixe-me contar uma pequena história, mas muito importante para entender tudo isto. No final do século XIX, H.P. Blavatsky recuperou elementos muito importantes da tradição dos seus mestres tibetanos, um certo grupo misterioso e secreto não bem identificado. Ela, para diferenciá-lo do budismo iniciado por Gautama Sakyamuni, o Buddha (observe o duplo "dd" do particípio passivo, "o Iluminado") escreveu sobre o Budismo (um único "d") ou a Doutrina Imemorial da Sabedoria ("Buddhi"). Ou seja, ciente do que iria acontecer e já estava acontecendo no seu tempo, queria separar claramente os dois conceitos, o budismo da sua época e o budismo atemporal.

- Mas para que? Qual foi o objetivo dessa insistência?

- Como ela mesma explica, o budismo do sul ou hinayana perdeu o coração da doutrina e desenvolveu uma doutrina seca e desprovida de alma, enquanto o budismo tibetano do norte ainda conservava elementos espirituais mais profundos, mas começava a mostrar sinais de algo parecido. Ela explica que o budismo imemorial e esotérico ensinava a existência em cada ser humano dos princípios espirituais imortais ou mónadas. Essas mónadas eram a causa e a origem do rosário de encarnações como personalidades ilusórias.

- Como a luz do sol que emana cada um de seus raios... foi o que você disse antes.

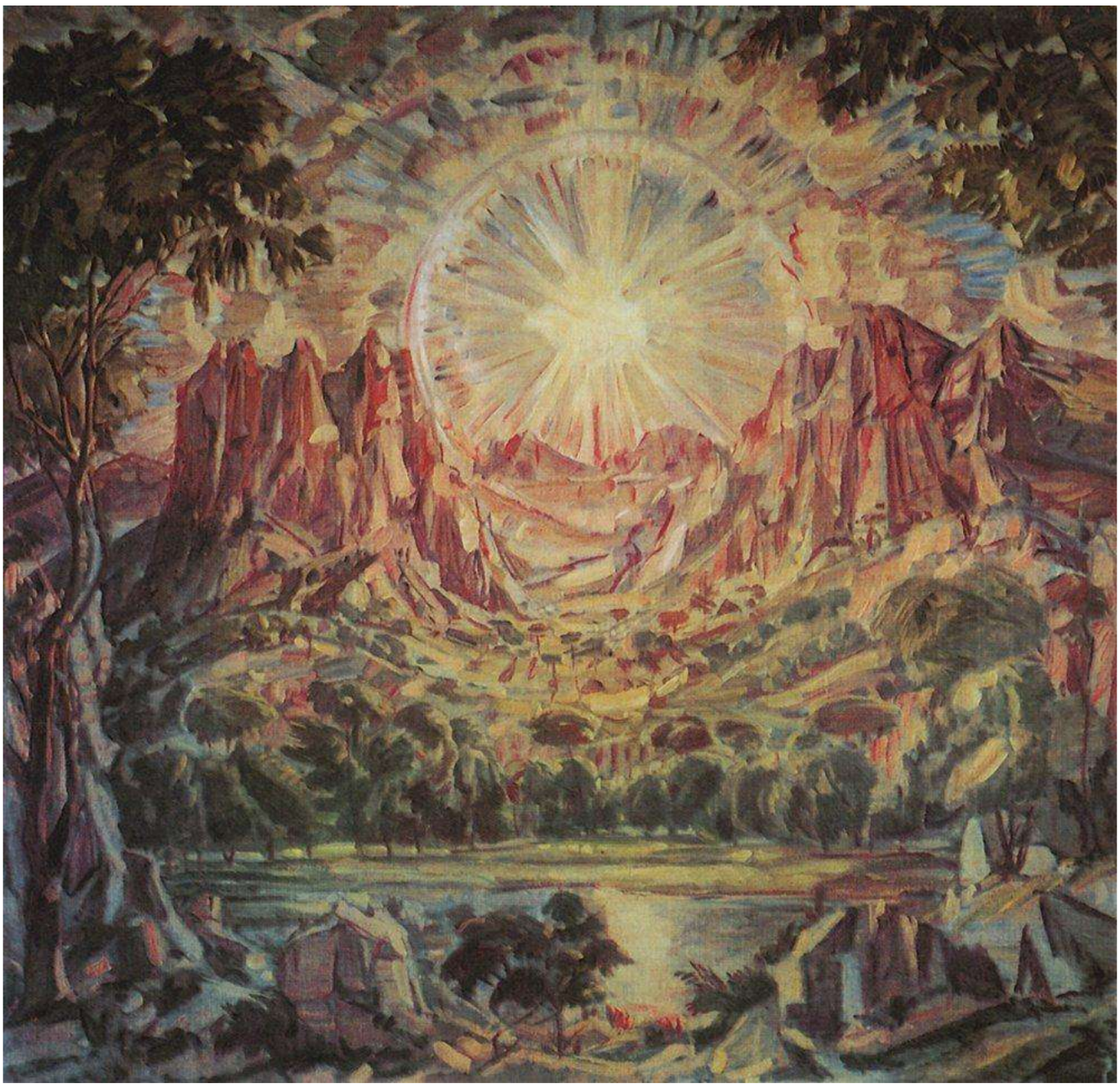
- Além disso, reivindicou na sua obra monumental A Doutrina Secreta, a existência de um único elemento ou princípio em todo o universo:

> *"... Um PRINCÍPIO Omnipotente, Eterno, Ilimitado e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da conceção humana, e só poderia ser ofuscado por qualquer expressão ou comparação da inteligência humana. Está fora do alcance do pensamento, e de acordo com as palavras do Mândûkya Upanishad é "inconcebível e inefável" ... Há Uma Realidade Absoluta anterior a cada Ser manifestado e condicionado ..."*

Vejo que vai me perguntar aonde leva tudo isto. Essas duas afirmações, a existência "dos raios" do sol, ou seja, da **mónada imortal que ilumina as personalidades passageiras** - lembra do gancho ao qual se liga o eu ilusório? – e **a segunda afirmação a existência de um plano omnipotente, eterno, ilimitado e imutável, além das aparências deste mundo**, repito, **estas duas afirmações são fundamentais, e são também a diferença fundamental com o budismo tibetano de hoje** que nega que exista nada além das multiformes aparências deste mundo, isto é, a doutrina do vazio. Infelizmente, a maioria das pessoas não conhece ou não entende esse aspeto do budismo tibetano moderno.

- Mas como é isso possível? Eu pensava que a sua crença em princípios subtis, na reencarnação, na meditação espiritual, todos eles eram indicativos de um conceito espiritualista.

- Bom, lamento dececioná-lo, mas é assim, e é esta a razão por que o budismo moderno não reconhece a tradição budista ancestral que Blavatsky tornou conhecida. Mas há razões por trás, e adianto-lhe algo, existiu uma seita budista hoje extinta, ou assim se acreditava até recentemente, quando de repente estudiosos do Tibete encontraram para sua surpresa quase 40 mosteiros com cerca de 5.000 monges nas regiões tibetanas orientais de Amdo, Qinghai e Sichuan, onde encontraram e puderam traduzir e reeditar as obras completas de uma tradição diferente da atual e que sustentava os conceitos e textos transmitidos pela H.P. Blavatsky no século XIX.



Paisagem montanhosa, Konstantin Bogaevsky (1942).
Domínio Público

curso

FILOSOFIA PRÁTICA

Conhecer-se a si mesmo

O conhecimento de si mesmo é a chave de todo o conhecimento superior e da compreensão da Natureza; é o primeiro passo na transformação de nós próprios.

No entanto, nem sempre pensamos, sentimos ou agimos como gostaríamos. Temos sentimentos indesejados, alegrias fugazes e relacionamentos complicados.

Uma sábia gestão emocional pode resolver muitos dos nossos problemas, ajudando-nos a conviver com tudo o que nos rodeia.

A harmonia do mundo

Há na natureza uma harmonia com a qual podemos entrar em sintonia.

A sociedade e a harmonia nas relações são construídas por indivíduos conscientes e ativos nessa construção de um mundo melhor.

A filosofia dá-nos pistas sobre como quebrar as correntes da ignorância pessoal, do preconceito e do medo para uma sociedade mais aberta e mais livre.

O sentido da existência

Uma vida com sentido não é algo assim tão distante como se poderia pensar.

Ela está enraizada no exercício das nossas melhores capacidades inatas como a força de vontade, amor e empatia, criatividade, coragem e resiliência, atenção e serviço ao outro.

A prática das virtudes próprias do ser humano confere um sentido a cada um dos nossos actos e integra-nos com o caminho da humanidade.

NOVA ACRÓPOLE

Filosofia
Cultura
Voluntariado

www.nova-acropole.pt

pandava
a sabedoria da índia

PANDAVA É UMA REVISTA

INTEIRAMENTE REALIZADA

POR VOLUNTÁRIOS DA

NOVA ACRÓPOLE DE PORTUGAL

WWW.NOVA-ACROPOLE.PT